



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

IGOR GABRIEL BATISTA DA SILVA VIEIRA

**OS TARAIRIÚS:
OS ESQUECIDOS TAPUIAS DO NORDESTE**

SUMÉ - PB

2024

IGOR GABRIEL BATISTA DA SILVA VIEIRA

**OS TARAIRIÚS:
OS ESQUECIDOS TAPUIAS DO NORDESTE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

SUMÉ - PB

2024



V658t Vieira, Igor Gabriel Batista da Silva.
Os Tarairiús: os esquecidos do Nordeste. / Igor
Gabriel Batista da Silva Vieira. - 2024.

86 f.

Orientador: Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos
Santos.

Monografia - Universidade Federal de Campina
Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Povos indígenas - Nordeste. 2. Tarairiús. 3.
História da Paraíba. 4. História indígena - Paraíba.
5. Povos originários - Paraíba. 6. Índios Tarairiús
- Paraíba. 7. Cronistas paraíba - História indígena.
8. Guerra dos Bárbaros. I. Santos, Valdonilson
Barbosa dos. II Título.

CDU: 39(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

IGOR GABRIEL BATISTA DA SILVA VIEIRA

**OS TARAIRIÚS:
OS ESQUECIDOS TAPUIAS DO NORDESTE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

**Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.
Orientador - UACIS/CDSA/UFCG**

**Professor Dr. Glebson Vieira da Silva.
Examinador Externo – PPGAS/UFRN**

**Professora Ma. Elenilda Sinésio Alexandre da Silva.
Examinadora Externa – SEDUC – Monteiro-PB**

Trabalho aprovado em: 04 de novembro de 2024.

SUMÉ - PB

RESUMO

Este trabalho dedica-se a reconstruir a história dos índios Tarairiús, que durante tanto tempo foram esquecidos pela historiografia paraibana. A historiografia paraibana, através de Irineu Joffily, foi a grande responsável pelo apagamento Tarairiú da História do Nordeste. Mas mesmo depois de algumas décadas sendo provado por alguns autores que os Tarairiús eram um povo distinto dos cariris, muitos autores atuais ainda cometem o erro de afirmar que o estado da Paraíba era habitado no interior apenas pelos cariris. Neste trabalho demonstro através de uma comparação cultural obtida através da análise de diversos escritores da época colonial que cariris e Tarairiús eram povos muito distintos em relação às suas culturas, os Tarairiús possuíam uma cultura rudimentar, enquanto os cariris oriundos da Amazônia, possuíam uma cultura semelhante aos índios desta região, eles possuíam uma agricultura, cerâmica e tecelagem avançadas que se distinguia das demais tribos em volta. Este trabalho demonstra que não só os Tarairiús constituíam uma tribo a parte, mas que eles eram os mais antigos habitantes do interior da Paraíba, os cariris vieram depois. Este trabalho, portanto, busca reconstruir a história da tribo indígena mais antiga do estado e que ocupava a maior parte de seu território, mas que hoje é a menos lembrada, sendo praticamente desconhecida da maioria da população.

Palavras-Chave: Tarairiú; Povos indígenas; História da Paraíba.

ABSTRACT

This work is dedicated to reconstructing the history of the Tarairiú Indians, who were forgotten for so long by the historiography of Paraíba. The historiography of Paraíba, through Irineu Joffily, was largely responsible for the erasure of the Tarairiú from the History of the Northeast. But even after a few decades of proving by some authors that the Tarairiú were a distinct people from the Cariris, many current authors still make the mistake of stating that the state of Paraíba was inhabited in the interior only by the Cariris. In this work, I demonstrate through a cultural comparison obtained through the analysis of several writers from the colonial era that the Cariris and Tarairiús were very distinct peoples in relation to their cultures. The Tarairiús had a rudimentary culture, while the Cariris, who came from the Amazon, had a culture similar to the Indians of this region. They had advanced agriculture, ceramics and weaving that distinguished them from the other tribes around them. This work demonstrates that not only did the Tarairiús constitute a separate tribe, but that they were the oldest inhabitants of the interior of Paraíba, with the Cariris coming later. This work, therefore, seeks to reconstruct the history of the oldest indigenous tribe in the state and which occupied most of its territory, but which today is the least remembered, being practically unknown to the majority of the population.

Keywords: Tarairiús; Indigenous peoples; History of Paraíba.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Mapa hídrico do Nordeste	24
Figura 02: Mapa da distribuição dos povos indígenas no território paraibano.....	26
Figura 03: Mapa da divisão política dos municípios do Estado da Paraíba.....	27
Figura 04: Mapa da região do Cariri Paraibano.....	28
Figura 05: Teodósio de Oliveira Lêdo e os índios Ariús	30
Figura 06: Aspecto de um tronco de pau-ferro ou jucá	35
Figura 07: Índios Tapuias	42
Figura 08: Quadro <i>Dança dos Tapuias</i>	49
Figura 09: Rochas sagradas	51
Figura 10: Múmia de um chefe coroado.....	58
Figura 11: Urnas funerárias da cultura marajoara	64
Figura 12: Maurício de Nassau	71
Figura 13: Irineu Joffily	73
Figura 14: Thomaz Pompeu Sobrinho.....	80
Figura 15: José Elias Borges e os índios Canela	82

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	16
3 OS TAPUIAS TARAIRIÚS.....	23
3.1 Breve Descrição dos Costumes dos Tarairiús.....	23
3.1.1 O Território Habitado Pelos Tarairiús.....	23
3.1.2 Subtribos Tarairiús.....	28
3.1.2.1 <i>Janduís</i>	29
3.1.2.2 <i>Sucurus</i>	29
3.1.2.3 <i>Ariús</i>	30
3.1.2.3 <i>Pegas</i>	31
3.1.2.4 <i>Paiaçus</i>	32
3.1.2.5 <i>Panatis</i>	32
3.1.2.6 <i>Cavalcantis</i>	33
3.1.2.7 <i>Jenipapos</i>	33
3.1.2.8 <i>Vidais</i>	33
3.1.2.9 <i>Jucás</i>	34
3.1.2.10 <i>Javós</i>	35
3.1.2.11 <i>Camaçus</i>	36
3.1.2.12 <i>Tacarijus</i>	36
3.1.2.13 <i>Arariús</i>	36
3.1.2.14 <i>Caratiús</i>	36
3.1.2.15 <i>Canindés</i>	37
3.1.2.16 <i>Jenipapos-Canindés</i>	38
3.1.3 Aparência Física	39
3.1.4 Nomadismo	42
3.1.5 Formas de subsistência.....	46
3.1.6 Armas	48
3.1.7 Formas de religião.....	50
3.1.8 A Guerra dos Bárbaros.....	52
3.2 Principais Diferenças Culturais entre os Tarairiús e os Cariris	54
3.2.1 Antropofagia	57
3.2.2 Agricultura, Cerâmica e Tecelagem.....	60

3.2.3	Arco e flecha.....	65
3.2.4	Habitações.....	65
3.2.5	Linguagem	65
3.3	O Apagamento Histórico dos Tarairiús	70
3.3.1	A Falta de apreço dos portugueses pela Ciência	70
3.4	A Descrição Geral da Capitania da Paraíba de Elias Herckmann	72
3.4.1	Irineu Joffily.....	73
3.4.2	Thomaz Pompeu Sobrinho	78
3.4.3	José Elias Borges	81
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
	REFERÊNCIAS.....	84

1 INTRODUÇÃO

De uma maneira geral a temática indígena é um assunto pouco estudado no estado da Paraíba. Pouco os antropólogos e historiadores paraibanos tem feito em relação ao estudo de nossas tribos indígenas. Geralmente as tribos tupis do litoral, os tabajaras e os potiguaras são os mais conhecidos quando se falam em tribos paraibanas. Os próprios potiguaras são o único remanescente indígena ainda existente no estado, habitando uma terra indígena situada no município de Baía da Traição.

Essas duas tribos tupis são muito citadas pela historiografia paraibana devido a sua relação com a fundação da Paraíba, mas já quanto às tribos do interior elas pouco têm sido estudadas; enquanto isso nos demais estados nordestinos os estudos relacionados à temática indígena já se encontram em um grau mais avançado, como por exemplo: Pernambuco que conta com os estudos de Estevão Pinto, Mário Mello, Armando Souto Maior, Geraldo Lapenda entre outros. O Rio Grande do Norte conta com os importantíssimos trabalhos de Olavo de Medeiros Filho que escreveu um livro sobre os índios do Açu e Seridó, e também escreveu um importantíssimo trabalho sobre os Tarairiús que foi uma importante fonte para esta pesquisa.

Mas o estado Nordeste que mais dedica-se a pesquisa de suas tribos indígenas é o Ceará que conta com os trabalhos de Carlos Studart Filho e Thomaz Pompeu Sobrinho, que escreveu memoráveis trabalhos sobre os indígenas cearenses publicados na revista do instituto do Ceará, foi também Pompeu Sobrinho o primeiro estudioso a notar que os Tarairiús, não pertenciam a nação cariri, mas eram povos distintos. Mas enquanto isso no estado da Paraíba a pesquisa sobre os seus indígenas deixa muito a desejar, não existindo ainda uma obra geral sobre os indígenas paraibanos.

Mas afinal de contas, quais tribos indígenas habitavam o território da Paraíba?

As tribos tupis do litoral já foram citadas. Mas quais povos habitavam o interior da Paraíba? Segundo a historiografia paraibana clássica, o interior da Paraíba era habitado por uma única grande tribo: Os Cariris. Os cariris eram a única tribo que habitou o interior da Paraíba! Foi o que disse a historiografia paraibana durante cem anos, e cem anos, infelizmente em que a historiografia paraibana esteve errada. O erro se inicia com o historiador paraibano Irineu Joffily (1843-1902) em seu livro *Notas sobre a Paraíba* de 1892; ao interpretar apressadamente o livro de Elias Herckmann,

governador da Paraíba durante o domínio holandês, chamado de *Descrição Geral da Capitania da Paraíba*, que data de 1639, Joffily chegou à conclusão errônea de que interior da Paraíba era habitado apenas pelos Cariris.

O livro de Joffily foi prefaciado por Capistrano de Abreu, um dos maiores historiadores do país, o que acabou dando ainda mais credibilidade a ele. O seu equívoco acabou não sendo notado por seus contemporâneos e durante um século a historiografia paraibana repetiu o que Joffily disse: O interior da Paraíba era habitado apenas pelos cariris. Como o livro de Joffily era uma referência obrigatória para os que pesquisavam sobre o Nordeste fez com que essa informação errônea acerca dos cariris fosse divulgada também a nível nacional.

No primeiro centenário da independência em 1922, Rodolfo Garcia que foi diretor da Biblioteca Nacional colaborou com a elaboração do Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, que foi criado exatamente para as comemorações do centenário da independência e pretendia ser uma grande enciclopédia sobre o Brasil, reunindo dados históricos, geográficos e etnográficos sobre um Brasil que completava cem anos como nação independente e buscava conhecer-se. Neste Dicionário, Garcia baseando-se nas “Notas sobre a Paraíba” de Irineu Joffily, escreveu um Capítulo sobre as tribos indígenas brasileiras onde mistura vários grupos Cariris e Tarairiús e diz que todos pertencem a nação Cariri, os colocando como únicos habitantes do interior do Nordeste. E esta obra serviu de base para outras obras que também cometeram o mesmo erro.

Mais tarde alguns estudos como o do historiador cearense Thomas Pompeu Sobrinho, do antropólogo paraibano José Elias Borges e mesmo de pesquisadores internacionais como os antropólogos norte-americanos Robert Lowie e William Hohental Jr., e do linguista tcheco Cestimir Loukotka vieram trazer a luz o erro de Irineu Joffily. O interior da Paraíba não era habitado apenas pelos Cariris, mas também por uma outra tribo denominada Tarairiú. Um nome que poucos conhecem, não só pelo apagamento provocado por este erro da historiografia paraibana, mas também pelas guerras prolongadas movidas pelos portugueses contra esta tribo, fazendo com que eles fossem extintos do território paraibano e da maioria dos estados do Nordeste, restando apenas um pequeno remanescente, os Sucurus de Ararobá, em Cimbres, Pernambuco.

A guerra entre os portugueses e Tarairiús durou cerca de cem anos, entre 1630 e 1730, no que é considerado por alguns autores a maior guerra indígena do país.

Este conflito alcançou o seu auge na chamada Guerra dos Bárbaros (1687-1720) e chegou a abalar a colonização portuguesa do Nordeste, na qual os Tarairiús se confederaram com todas as sub-tribos de sua nação para expulsar os portugueses do interior do Nordeste, esta confederação foi chamada erroneamente durante muito tempo de “Confederação dos Cariris”, sendo que na verdade ela não era uma confederação cariri, mas sim Tarairiú.

Os cariris ao contrário auxiliaram os portugueses nesta guerra contra os tarairiús, sendo sempre seus fiéis colaboradores e não inimigos conforme afirma a historiografia brasileira. De fato, a Confederação dos Cariris ou melhor dos “Tarairiús”, abalou a colonização portuguesa do nordeste e foi uma grande ameaça para a coroa portuguesa, segundo Borges: “ Só pôde ser vencida pela sanha feroz do bandeirantismo paulista, auxiliado por criminosos contumazes e por aventureiros da casa da torre, com muito dispêndio de vidas e da fazenda real”. (Borges, 1993, p.22-23). E estas guerras prolongadas levaram praticamente à extinção os tarairiús.

Além deste apagamento provocado pela historiografia e das guerras promovidas pelos portugueses que praticamente extinguíram esta tribo, há pouca coisa que traga este povo a lembrança: Os cariris por exemplo deram nome a duas regiões; uma da Paraíba, os Cariris Velhos e uma do Ceará, os Cariris Novos. O Cariri cearense recebeu esse nome por que foi conhecido e colonizado depois do Cariri paraibano. Mas no que se refere aos tarairiús eles não deram nome a nenhuma região, até por se tratar de um nome bem complicado de se pronunciar.

Este nome tarairiú que é o nome que adoto no meu trabalho, é nome da nação como um todo, pois os seus subgrupos são geralmente mais conhecidos como os sucurus, os janduí e os panatis. O nome Tarairiú foi dado a esta nação indígena pelos holandeses utilizando para isto do tupi: Taraíra= peixe + i = pequeno + u= comer. Significando comedor de taraíra. A taraíra ou traíra é um peixe de água doce, cujos cardumes existiam em grande quantidade nos rios e lagoas durante a estação das cheias e que eram uma das bases da alimentação desses indígenas. E se este nome em si já é complicado, o nome com que eles se autodenominavam é mais difícil ainda: Otschicayaynoe. E por este motivo eu preferi utilizar o termo tarairiú neste trabalho, por ele ter sido utilizado por vários autores contemporâneos que escreveram sobre essa tribo, e por ele ser mais pertinente, já que o nome indígena é praticamente impronunciável, e também por se referir a nação como um todo, ao invés de utilizar o nome de alguns grupos como os sucurus e os paiacus que não eram uma tribo em si

separadas, mas apenas subtribos. Mas como afirmei, estes subgrupos são mais conhecidos, aqui no cariri paraibano por exemplo, que era habitado pela sub-tribo dos sucurus, como testemunho de seus antigos habitantes existe o rio Sucuru, que nasce no município de Ouro Velho, e passa pelos municípios de Prata e Sumé e depois se junta ao rio da Serra e ao do Meio para formar o rio Paraíba, e é, portanto, um dos afluentes do rio Paraíba. Outro exemplo é o município potiguar de Janduís, que recebe esse nome por ter sido habitado no passado pela sub-tribo dos Janduís, o principal grupo Tarairiú.

Mesmo a língua dos Tarairiús foi quase totalmente extinta restando apenas alguns topônimos registrados nos livros de sesmarias, e também alguns poucos termos registrados pelos cronistas em suas crônicas; somente em 1930 com o vocabulário coletado por Kurt Nimuendaju junto aos sucurus de Ararobá em Pesqueira, Pernambuco e depois ampliado por Geraldo Lapenda é que se pode ter uma noção de que se tratava da língua Tarairiú, e que era completamente diferente do cariri, tornando-se uma das principais provas, senão a principal prova de que cariris e Tarairiús eram povos diferentes (BORGES, 1993).

E portanto somando-se todos esses fatos: O esquecimento dos Tarairius pela historiografia, as guerras promovidas pelos portugueses que extinguiram a tribo do estado e praticamente de todo o Nordeste, o fato desta tribo não está muito presente na memória da população em nomes de regiões e lugares e também a extinção de sua língua, pois seus descendentes os sucurus ou xucurus de Pesqueira falam apenas português, restando apenas poucos termos de sua antiga língua; tudo isso faz com que o apagamento dos Tarairiús da história seja quase completo, é quase como se nunca tivessem existido. O antropólogo paraibano José Elias Borges chega mesmo a dizer em relação a esta tribo: “Quando se fala o nome tarairiú, muitas pessoas esboçam até um ar de riso, como a duvidarem da existência desses índios.” (Borges, 1993, pg.21). Poucas pessoas parecem saber que essa tribo habitou o território paraibano no passado, e até os dias de hoje muitos autores ainda cometem o mesmo erro ao afirmar que apenas os cariris habitavam o interior da Paraíba.

Escolhi este tema para este trabalho, nesse caso os Tarairiús, por sempre ter curiosidade em saber, quais povos indígenas habitaram a região onde vivo no passado, e comecei a pesquisa deste trabalho imaginando que faria um trabalho sobre os cariris, até me aprofundar na pesquisa e perceber que a parte do cariri paraibano onde moro era habitado pelos Tarairiús e não pelos Cariris. E apesar de alguns

autores como José Elias Borges terem demonstrado que Tarairiús e cariris eram povos diferentes, ainda vemos muito autores nos dias de hoje cometerem o mesmo erro ao informar que interior do estado era habitado apenas pelos cariris; neste trabalho tentarei demonstrar através de uma extensa análise documental, que os Tarairiús não eram um sub-tribo cariri como durante tanto tempo afirmou a historiografia paraibana e brasileira como um todo, mas constituíam um povo à parte, dando assim continuidade ao estudos dos autores que os consideram tribos distintas. Para este fim utilizarei cronistas da época colonial, especialmente do período holandês (pois os holandeses tiveram mais contato com este povo que os portugueses) onde nos relatos dos cronistas holandeses, eles claramente distinguiam uma tribo da outra. Também farei uma comparação de costumes entre os dois povos, demonstrando que seus costumes eram muito diferentes uns dos outros, e portanto não poderiam ser o mesmo povo. E por fim farei uma comparação entre a língua cariri e os poucos termos que restaram da língua Tarairiú, demonstrando que são línguas completamente distintas e que, portanto, Tarairiús e cariris eram povos diferentes.

Este trabalho tem como núcleo o tópico intitulado: Os Tapuias Tarairiús e que está dividido em três sub-tópicos: O primeiro intitulado: Breve Descrição dos Costumes dos Tarairiús, é uma descrição da cultura tarairiú baseada nos relatos dos cronistas coloniais que escreveram sobre eles; o segundo chamado de: Principais Diferenças Culturais entre Tarairiús e Cariris, onde falarei dos principais aspectos que diferenciavam Cariris e Tarairiús, demonstrando que com tamanhas diferenças era impossível que eles formassem um mesmo povo; e o terceiro sub-tópico intitulado de: O Apagamento Histórico dos Tarairiús, onde fala como se deu o apagamento dos Tarairiús da História do Nordeste.

Compete também esclarecer aqui alguns termos utilizados por mim neste trabalho. Como demonstrarei ao longo deste trabalho, as tribos indígenas possuíam divisões, que muitas vezes confundem os estudiosos. Portanto, aqui discorrei sobre alguns termos utilizados no trabalho:

- **Tronco linguístico:** Os troncos linguísticos são formados por várias línguas indígenas que possuem uma língua ancestral comum que hoje não é mais falada; as diversas tribos que pertencem ao mesmo tronco possuem algumas semelhanças linguísticas em suas línguas, e também os diversos povos pertencentes ao mesmo tronco, também possuem algumas semelhanças

culturais. No Brasil existem quatro troncos linguísticos: O Tupi-Guarani, o Macro-jê, o Aruaque e o Karib.

- **Nação, povo e tribo:** O termo nação pode ser definido como um coletivo humano que possui semelhanças em comum, como a mesma língua, cultura, religião, etnia, etc. Portanto, a palavra nação pode ser um sinônimo para povo. Por isso utilizo o termo nação apenas quando se trata da tribo Tarairiú como um todo, pois eles possuíam diversas sub-divisões como os Sucurus, Ariús, etc; que não constituíam um povo à parte, mas eram apenas sub-grupos que possuíam os mesmos costumes em comum e formavam a tribo Tarairiú. Portanto, apenas para os Tarairiús como um todo, ou para os Cariris que eram outro povo, eu utilizo o termo nação.

Geralmente quando a nação ocupa um território e se organiza politicamente, dá-se o nome estado-nação. O estado-nação, é a forma de organização principal do ocidente desde o fim da Idade Média. Antes os mais diversos povos se organizavam em tribos; mesmos os povos antigos, como os gregos e romanos, que tinha um estado organizado e uma sociedade complexa ainda possuíam essa organização tribal.

A tribo é uma forma de organização baseada no parentesco, cujos integrantes possuíam a mesma língua, costumes, e tradições em comum. Geralmente nas tribos há uma ideia muito forte de parentesco, da qual os integrantes descendem de um ancestral (geralmente, mítico) comum. Vemos isto na Bíblia, onde os hebreus também se organizavam em tribos, e possuíam doze tribos, descendentes dos doze filhos de Jacó. Isto também ocorria no Brasil, onde os tupis acreditavam serem descendentes de um ancestral comum mitológico chamado tupi.

Neste trabalho, eu utilizo o termo tribo, com a seguinte definição: “Tribo, é um sistema de organização social baseado no parentesco, cujos os integrantes possuem língua, tradições e costumes em comum”.

Também utilizo o termo tribo para se referir apenas aos Tarairiús como um todo, já que eles possuíam diversos sub-grupos, mas que não constituíam um povo ou tribo separadas.

- **Grupos, Sub-Grupos, Sub-Tribos, ou Facções:** São as divisões da tribo Tarairiú, que possuía diversas divisões ou grupos, a exemplo dos: Sucurus,

pegas, panatis, etc. Estes grupos não formavam um povo à parte, mas eram divisões da nação Tarairiú; e possuíam a mesma língua e costumes.

Neste trabalho busco ajudar a demonstrar o erro que a historiografia paraibana cometeu durante mais de um século, quando afirmou que o interior do estado era habitado apenas pelos cariris, relegando assim os Tara iriús ao esquecimento. Também busco através deste trabalho dar uma contribuição ao estudo das sociedades indígenas do estado, um tema tão pouco pesquisado na Paraíba e que requer um pouco mais de atenção dos antropólogos paraibanos.

Sempre fui extremamente fascinado pela antropologia clássica e suas monografias sobre os mais diversos povos, Boas e sua pesquisa realizada no Ártico sobre os esquimós, Evans-Pritchard com a tribo africana Azende e Malinowski com os nativos das ilhas Trobiand na Oceania. Eu sempre quis também escrever uma monografia sobre algum povo, e aproveitando a curiosidade que sempre tive em relação aos povos que habitaram a região no passado, eu resolvi então escrever um trabalho sobre a tribo indígena que habitou o cariri no passado: Os tarairiús.

Creio que nós antropólogos paraibanos ao estudarmos Antropologia na universidade, nos prendemos muito aos povos de outros continentes, não que isto seja um problema, já que para estudarmos teoria antropológica precisamos estudar os grandes trabalhos feitos pelos grandes nomes da Antropologia, o que realmente é um problema é que as tribos locais são praticamente desconhecidas e não existe ainda uma obra geral sobre os indígenas paraibanos e sobre os tarairiús menos ainda. Portanto a Antropologia indígena é um tema muito carente de pesquisas no estado e que ainda precisa de muitos trabalhos e estudos. A Paraíba necessita urgentemente de mais pessoas que se dediquem ao estudo de seus indígenas.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Os Tarairiús habitaram os estados nordestinos da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará. Acredita-se que a nação Tarairiú tenha se extinguido do Nordeste no século XIX; na Paraíba já em fins do século XVIII, os Tarairiús já haviam desaparecido do território paraibano.

A minha grande inspiração ao elaborar este trabalho foram os trabalhos de Florestan Fernandes sobre os tupinambás: A organização social dos Tupinambás (1949) e A Função Social da Guerra da Sociedade Tupinambá (1951). Como meu objetivo era escrever sobre os povos indígenas que habitaram o cariri paraibano, e estes povos estão hoje extintos, eu encontrava similaridades na minha pesquisa com a de Florestan Fernandes sobre os tupinambás, que eram um povo indígena que se extinguiu no século XVII. E como Florestan Fernandes, eu me deparei com empecilho de como escrever sobre um povo que havia desaparecido a tantos séculos e não poderia ser observado diretamente. E assim como a pesquisa de Florestan Fernandes sobre os Tupinambás, a minha pesquisa também foi uma pesquisa basicamente documental, trabalhando com diversos autores que escreveram sobre esta tribo. E como este povo desapareceu em uma época que não existia Antropologia, nem Ciências Sociais, as pessoas que chegaram a conviver com eles não eram antropólogos, nem cientistas que escreviam relatos com rigor científico adequado, mas eram pessoas mais diversas e que também por mais diversos motivos escreveram sobre este povo. Geralmente a estas pessoas dá-se o nome de cronistas, assim Julio Cesar Melatti descreve os cronistas:

É comum, entre os antropólogos brasileiros chamar de “cronistas” aqueles autores que, apesar de não serem cientistas sociais, seja por que as ciências sociais ainda não existissem, seja por que eles se dedicassem a outros mistérios, deixaram relatos em que registram suas experiências com a população de determinados locais ou regiões do Brasil e suas observações a respeito dela.” (Melatti, 1983, p.3)

Florestan Fernandes enfrentou estas dificuldades ao lidar com os cronistas, pois os seus relatos não possuem o rigor científico adequado, pois eles escreveram os seus relatos apenas para descreverem os costumes curiosos dos povos do novo mundo. Mas apesar disto Florestan Fernandes acreditava que era muito rica a

quantidade de informações deixadas pelos cronistas, e que poderiam ser usadas para reconstituir aspectos da cultura de povos há muito tempo desaparecidos.

E justamente o fato de não serem antropólogos torna as interpretações de seus relatos complicada, por que foram feitas sem rigor científico e numa época em que a ciência moderna ainda estava nascendo.

Alguns cronistas que eu analisei em minha pesquisa de fato eram cientistas: Joannes de Laet além de ter sido diretor da Companhia das Índias Ocidentais geralmente é creditado a ele o título de geógrafo, embora ele tenha frequentado a Universidade de Leiden, sua formação era em Teologia e Filosofia e não em Geografia. Marcgraf estudou Botânica, Astronomia, Matemática e Medicina e frequentou entre outras a universidade de Wittenberg na Alemanha e também a de Leiden na Holanda. Todos os cronistas que analisei viveram no século XVII, de fato este é o século da Revolução Científica, o século de Bacon, Descartes e Galileu cujas ideias foram fundamentais para o surgimento da ciência moderna, que acredita-se que surgiu nesse século; apesar de que a Idade Moderna, nos séculos XVII e XVIII, foi uma época de surgimento principalmente das ciências naturais, a maioria das ciências humanas e entre elas a Antropologia só surgiram de fato no século XIX, portanto estamos falando de uma época em que as ciências humanas praticamente não existiam.

Já os demais cronistas geralmente não tinham nenhuma formação acadêmica e só queriam escrever sobre o novo mundo em que estavam vivendo, e escreveram seus relatos sem método científico, e alguns dos seus relatos chegam mesmo a beirar o mitológico, Elias Herckmann, por exemplo, governador da Paraíba durante o domínio holandês, chega a relatar o seguinte sobre os Tarairiús: Em geral eles atingem a uma idade mui avançada, alguns contam 150, 160 até 200 anos, de sorte que já não podem andar e devem ser carregados em redes. Um relato obviamente exagerado já que mesmo com todo progresso da medicina atual não chegamos a tais idades, pelo contrário ficamos muito longe disso, quanto mais uma população que levava uma vida tão rudimentar como os Tarairiús. E esta é uma das várias dificuldades de interpretação destes textos.

Outra dificuldade são também os termos por eles utilizados, pois sempre se referem aos Tarairiús como Tapuias, só que o termo tapuia também era utilizado pelos

portugueses para se referir a toda tribo indígena do interior, o que gera algumas dúvidas pois em algumas situações eles utilizam o termo tapuia neste sentido. Somente Herckmann, Laet e Nieuhof utilizam o termo Tarairiú pelo menos uma vez em seus relatos. Os cronistas sempre se referem aos tupis como brasileiros ou brasileiros. E já os demais habitantes não-indígenas são chamados de Portugueses.

Outra dificuldade ainda existente ao lidar com o relato destes cronistas é a divergência de relatos; creio que o tema que eles mais divergem é sobre a prática da agricultura entre os Tarairiús. A maioria dos cronistas, e entre eles Herckmann, diz que eles não praticavam a agricultura. Já Johan Nieuhof dizia que eles apenas praticavam a agricultura de um único produto: a mandioca; e já George Marcgraf é o único a afirmar que eles plantavam milho, vários legumes e abóboras. E portanto, aqui temos uma divergência muito grande de relatos que torna difícil saber se os Tarairiús eram um povo agricultor ou não.

Na sua pesquisa sobre os extintos tupinambás, Florestan Fernandes utilizou dois métodos para realizar a pesquisa. Utilizou como fonte primária de dados, cronistas coloniais dos séculos XVI e XVII como: Jean de Léry, o padre José de Anchieta, Hans Staden, Gabriel Soares de Souza, entre outros. E como fonte secundária para sua pesquisa utilizou-se de autores contemporâneos para apoiar suas conclusões como Hebert Baldus, Sérgio Buarque de Holanda, Capistrano de Abreu, Aníbal Matos, Alfred Métraux, Francisco Adolfo Varnhagen e Claude-LéviStrauss. Me inspirei neste método utilizado por Florestan Fernandes para desenvolver este trabalho, utilizei os relatos de oito cronistas que serão listados abaixo, como fonte primária de dados, e como fonte secundária para apoiar minhas conclusões utilizei autores contemporâneos como Thomaz Pompeu Sobrinho, Carlos Stuart Filho, José Elias Borges e Olavo de Medeiros Filho.

Eu analisei ao longo desta pesquisa os relatos de oito cronistas, cinco holandeses, dois portugueses e um francês que incluiu a crônica de um holandês sobre os Tarairiús no final de seu livro; todos viveram no século XVII, e tinham as mais diversas ocupações, desde de senhores de engenho, até médicos e naturalistas. A maioria dos autores coloniais que escreveram sobre os Tarairiús eram holandeses e não portugueses, isto se deve ao fato dos Tarairiús terem sido aliados dos holandeses justamente por odiarem os portugueses. Joannes de Laet fala sobre o início desta aliança:

Os nossos tinham desde a princípio prestado atenção a uma nação de índios chamados tapuias, e julgaram conveniente utilizar-se do auxílio dela contra os portugueses, de quem esses selvagens guardavam ódio, sendo por eles muito temidos. Tendo-lhes isso chegado ao conhecimento pela leitura de várias cartas dos portugueses, da metrópole lembraram essa conveniência ao conselho político, o qual tomando o fato em consideração mandou no dia 23, um índio atrair a referida nação, que habitava na vizinhança do Rio Grande, oferecer-lhe a nossa amizade e pedir o seu auxílio (Laet, 1925. p.287).

Este relato fala do início da aliança entre holandeses e Tarairiús ocorrida em julho de 1631, e como era comum entre os cronistas holandeses, Laet (1925) chama os Tarairiús de tapuias; Laet (1925) também diz que os Tarairiús habitavam a vizinhança do Rio Grande, por que era lá que ficava os principais subgrupos Tarairiús e aqueles com os quais eles tiveram maior contato.

E por serem aliados dos Tarairiús, os holandeses tiveram mais contato com este povo e escreveram a maioria dos relatos sobre eles. E isto inclusive também influenciou na extinção dos Tarairiús, pois durante a invasão holandesa, eles se aliaram aos holandeses, que mais tarde foram expulsos; os portugueses, por sua vez, consideraram os Tarairiús como “traidores” por se aliarem aos seus inimigos e os perseguiram de forma implacável.

Os cronistas coloniais cujos relatos eu examinei para este trabalho são os seguintes:

- Ambrósio Fernandes Brandão (1560-1630) Foi um senhor de engenho português. Brandão viveu no Brasil entre os séculos XVI e XVII, tendo se estabelecido como senhor de engenho na Paraíba no início do século XVII, Brandão também se destacou na luta contra os franceses no episódio que garantiu o domínio português sobre a Paraíba, conhecido como Fundação da Paraíba. A obra de Brandão *Diálogos das Grandezas do Brasil* foi escrita em 1618, sendo o livro mais antigo usado nesta pesquisa; este livro nunca foi formalmente publicado pelo seu autor, sendo publicado mais de trezentos anos depois em 1930, graças aos esforços de Capistrano de Abreu.
- Joannes de Laet (1581-1649) Foi um geógrafo holandês e diretor da Companhia das Índias Ocidentais. Filho de um rico casal de comerciantes, Laet nasceu em Antuérpia em 1581, mas logo mudou-se para Leiden onde estudou Teologia e Filosofia na Universidade de Leiden entre 1597 e 1599. A sua obra analisada neste trabalho chama-se: *História ou Anais dos Feitos da*

Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais desde o seu começo até o fim do ano de 1636, e foi publicada em Leiden em 1644.

- Jacob Rabbi. Rabbi era um mercenário alemão a serviço dos holandeses; ele era originário de Waldeck e veio ao Brasil com o conde Maurício de Nassau. Rabbi foi embaixador dos holandeses junto ao grupo Tarairiú dos Janduís, e permaneceu junto a este grupo por quatro anos. Rabbi deixou uma crônica de sua experiência junto a esses índios que foi dedicada ao conde Maurício de Nassau, a crônica possuía o seguinte título em Latim: *De tapuiyorum moribus et consuetudinibus ex relatione Jacob Rabbi, qui per aliquot annos inter illos vicerat* (A moral e os costumes dos tapuias com Jacob Rabbi, que viveu vários anos entre eles.) Esta crônica foi incluída no livro de Gaspar Barleus intitulado: *O Brasil holandês sob o conde João Maurício de Nassau*, que também é conhecido pelo título de: *História dos Feitos Recentemente Praticados durante Oito anos no Brasil sob o governo de João Maurício, Conde de Nassau*. O livro trata do período em que Nassau esteve no Brasil entre 1637 e 1644, e foi publicado em Amsterdã em 1647.
- Elias Herckmann (1596-1644) Aventureiro, político e geógrafo holandês; foi o terceiro governador da Paraíba durante o domínio holandês, governando a Paraíba entre 1636 e 1639. Em seu livro *Descrição Geral da Capitania da Paraíba*, datado de 1639, ele fala que os holandeses conheciam particularmente a nação dos tapuias chamados tarairyou; isto reforça o fato do conhecimento que os holandeses possuíam deste povo por serem seus aliados, enquanto mantiveram pouco contato com o cariris e poucas vezes os mencionam em suas crônicas. Outra coisa interessante desta menção de Herckmann é que é uma das poucas vezes nas crônicas holandesa em que eles são chamados de Tarairiús, conforme disse só Laet, Nieuhof e Herckmann utilizam o termo Tarairiú em suas crônicas; todos os outros cronistas utilizam o termo tapuia. Mesmo o cronista português Ambrósio Fernandes Brandão também utiliza este termo ao se referir aos Tarairiús; já Pedro Carrilho de Andrade como é comum nos documentos portugueses, se refere há apenas aos seus subgrupos, na sua crônica Carrilho de Andrade fala dos Janduís, Paiacus e Ariús, mas não utiliza o termo tapuia ou Tarairiú.
- George Marcgraf (1610-1644) Foi um naturalista alemão com formação em Matemática, História Natural, Astronomia e Medicina. Marcgraf fazia parte do

grupo de artistas e cientistas trazidos ao Brasil pelo conde Maurício de Nassau, cujo o objetivo era estudar a natureza e retratar as paisagens da nova colônia holandesa na América; Marcgraf permaneceu no Brasil entre 1638 e 1643, e tornou-se conhecido principalmente por ser um excelente cartógrafo, conta-se que tal era a precisão de seus mapas, que se temeu que a divulgação de seu trabalho despertaria a cobiça sobre o território. O seu livro *História Natural do Brasil*, publicado em Amsterdã em 1648, ainda hoje é consultado por pesquisadores, pois descreve perfeitamente a fauna e a flora do Nordeste; nele também está contida uma descrição de vários povos indígenas brasileiros, inclusive dos Tarairiús.

- Johan Nieuhof (1618-1672) Explorador holandês que esteve no Brasil entre 1640 e 1649, escreveu *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil* publicada em 1682. No Brasil, Nieuhof foi contratado para explorar as regiões entre os rios Maranhão e São Francisco. Nieuhof informa que os tapuias habitavam o interior das capitanias sob o domínio flamengo e seu território se situava entre o rio Ceará e o rio São Francisco, ou seja, entre os estados do Ceará e Pernambuco.
- Pierre Moreau: É um francês autor do livro *História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses* publicado em 1651. Moreau esteve no Brasil entre 1646 e 1648, e detestava o Brasil e o seu clima; disse ele ao comentar toda a corrupção e imoralidade que diz ter visto no Brasil: “A piedade jamais foi tão fria num país onde o ar tem tanto calor” e ao entrar no navio que o levaria a Europa jurou que nunca mais voltaria dizendo estar feliz de deixar “um clima tão funesto”. Como um anexo ao seu relato acrescenta a crônica de Rolox Baro, Baro substituiu Jacob Rabbi como embaixador dos holandeses junto aos tapuias, e empreendeu em 1647, uma viagem pelo interior da capitania do Rio Grande para chegar ao acampamento do rei dos Tarairiús, Janduí; desta viagem, Baro escreveu a citada crônica em que descreve vários relatos sobre sua estada junto aos Tarairiús. A crônica se chama “Relação da Viagem ao País dos Tapuias”. O curioso é que a colonização holandesa, era uma colonização que visava permanecer apenas no litoral e não buscava se expandir para o interior como os portugueses, e na sua aliança com os Tarairiús, eles reconheciam que os Tarairiús possuíam sua própria terra, o seu próprio país, o interior do Nordeste eram, portanto, o país dos Tarairiús.

- Pedro Carrilho de Andrade: Pedro Carrilho de Andrade era capitão do terço dos paulistas comandado pelo mestre de campo Manuel Álvares de Moraes Navarro; o terço dos paulistas enfrentou os Tarairiús na Guerra dos Bárbaros e foi um dos responsáveis pelo seu extermínio. Carrilho de Andrade esteve pessoalmente com eles nos sertões da Paraíba e Rio Grande do Norte e escreveu um relato sobre os Tarairiús chamado de *Memória sobre os índios no Brasil*, neste relato escrito na década de 1690, Carrilho de Andrade menciona vários costumes da cultura Tarairiú e também relata como se iniciou a Guerra dos Bárbaros.

Este trabalho, portanto, se utiliza de relatos de antigos cronistas para ter uma descrição detalhada dos costumes da tribo Tarairiú, hoje extinta. Visto que ainda nos dias de hoje muitos autores ainda citem que o interior da Paraíba era habitado apenas pelos cariris, este trabalho reforça a tese de José Elias Borges que revolucionou os estudos relacionados aos indígenas paraibanos, demonstrando que cariris e Tarairius eram povos diferentes. Este trabalho é de grande importância para a Antropologia indígena, pois não existe ainda uma obra que trate dos Tarairiús no estado da Paraíba, e também para a História da Paraíba, já que durante tanto tempo, a historiografia paraibana apagou esta tribo da História.

3. OS TAPUIAS TARAIRIÚS

3.1 Breve Descrição dos Costumes dos Tarairiús

3.1.1 O Território Habitado Pelos Tarairiús

Segundo os antigos cronistas, os Tarairiús habitavam os estados brasileiros de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Johan Nieuhof relata assim seus domínios territoriais, Os Tapuias habitam o interior, ao poente das regiões que se acham sob o domínio dos portugueses e holandeses, entre o Rio Grande, o Rio Ceará e o São Francisco. (Nieuhof, 1942, p. 317)

Portanto, se baseando em Nieuhof podemos dizer que o domínio territorial tarairiú, se estendia por esses quatro estados, indo até o rio São Francisco, principal centro de domínio cariri. Os Tarairiús residiam na região semiárida nordestina, nas ribeiras de rios como o: Jaguaribe, Apodi, Piranhas-Açu, Sabugi, Seridó e Pajeú.

Conforme relatei, o cronista Rolox Baro ao descrever sua viagem pela capitania do Rio Grande até chegar ao acampamento dos Janduís, onde ele exerceria o cargo de embaixador junto a esses índios; ele relata que fez uma viagem ao País dos Tapuias. Primeiro essa expressão pode ser explicada pelo fato dos cronistas tentarem explicar a realidade destes indígenas utilizando a ótica européia, como por exemplo:

Ao utilizar o termo “rei” para se referir ao chefe dos tapuias como todos os cronistas utilizam, é tentar comparar a realidade destes índios com realidade europeia onde as nações são governadas por reis ou também neste caso ao chamar o território habitado pelos Tarairiús de País dos Tapuias, tal como na realidade europeia onde as nações formam países.

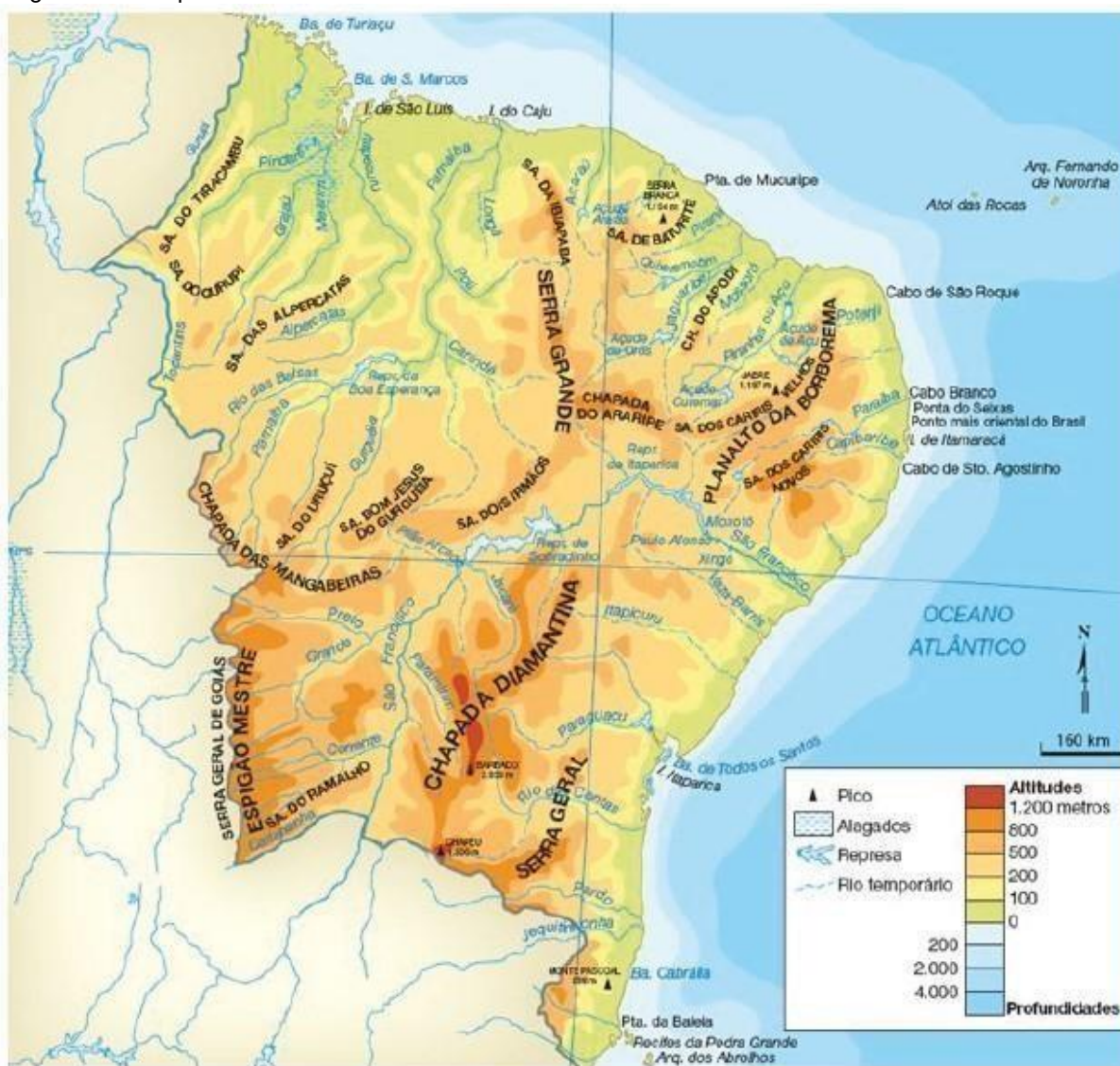
Ao conquistar as terras do Nordeste em 1630, os holandeses queriam controlar a principal área produtora de açúcar do mundo, que ficava apenas no litoral. Portanto, a colonização holandesa não era uma colonização que visava se expandir para o interior, tal como os portugueses. Ao invés disso eles se aliaram aos Tarairiús contra um inimigo comum: Os portugueses. Nesta aliança, eles reconheciam o interior do

Nordeste como a terra dos tarairiús seus aliados, como o seu próprio “país”, portanto no passado o interior dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco era o “País dos Tarairiús”.

Os principais grupos tarairiús se situavam no Rio Grande do Norte, era lá que se encontrava a sub-tribo dos Janduí, o principal grupo tarairiú, que recebeu esse título graças ao seu “rei” Janduí. Conforme disse este termo foi utilizado como uma aproximação com a lógica europeia dos autores, o correto seria chefe ou cacique.

Segundo Jacob Rabbi, o acampamento principal do rei Janduí, ficava localizado no rio Otschunogh, nome indígena do rio Açu no Rio Grande do Norte; o vale deste rio recebia o nome de Kuniangeya. Rabbi também conta que nas laterais do rio Açu,

Figura 01 – Mapa hídrico do Nordeste



Segundo os antigos cronistas, o território dos tarairiús se situava entre a serra da Ibiapaba, no Ceará, e o Rio São Francisco. Fonte: biamapas.com.br/produto/paraibafisicobiamapas.com.br

nas proximidades daquele acampamento ficavam as lagoas Baytagh (Piató) e Igtug (Itu, ou Ponta Grande). O que coloca a localização do acampamento de Janduí no atual município de Açu no Rio Grande do Norte, o nome do município provém de “Taba-açu” significando aldeia grande, chamado assim por ser o local de acampamento dos Janduís.

Já no que se refere ao estado da Paraíba. Das quatro tribos paraibanas, os Tarairiús eram a que possuía o território mais extenso, habitando desde os cariris velhos até a fronteira com o Ceará.

Mas antes de falarmos das tribos paraibanas vamos falar sobre a divisão de tribos feita pelos portugueses, que ainda hoje é muito famosa e ainda é utilizada por alguns historiadores, pelo menos numa nomenclatura mais genérica em relação aos povos indígenas. Os portugueses costumavam dividir as tribos indígenas em tupis e tapuias. Os tupis, para os portugueses eram toda tribo indígena que habitava o litoral, pois eles travaram mais contato com estas tribos por serem mais pacíficas e terem o mesmo idioma; de certa forma eles tinham uma certa razão ao chamar todas as tribos do litoral(Neste caso me refiro exclusivamente aos tupis, pois existiam outras tribos litorâneas, embora minoritárias que não eram tupi) de tupi, pois no passado todas as tribos tupis formaram uma única tribo, por isso todos estes povos tinham uma cultura e uma língua comum. O fato de todas estas tribos do litoral falarem a mesma língua facilitou o contato com os portugueses que logo aprenderam a língua tupi e elaborarão uma gramática sobre ela, o seu primeiro gramático foi o padre José de Anchieta que escreveu em 1595, o livro *A Arte de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. O tupi-guarani é um dos quatro troncos linguísticos em que atualmente são divididas as línguas indígenas brasileiras.

Usando a mesma generalização que faziam com os índios do litoral, os portugueses chamavam todos os índios do interior de tapuias. E esta generalização com relação aos índios do interior era algo completamente absurdo, pois eram centenas de tribos diferentes que não tinham língua nem cultura em comum e ainda eram rivais entre si. Os portugueses nunca tiveram muito contato com esses índios pois não conheciam sua língua e eles eram mais hostis, isto para os portugueses ressaltava ainda mais a divisão entre índios do litoral e do interior; os índios do litoral falavam, o tupi, a língua geral, a “língua boa” que eles entendiam e os do interior com diversos idiomas eram chamados de *gentio da língua travada*. O próprio nome tapuia

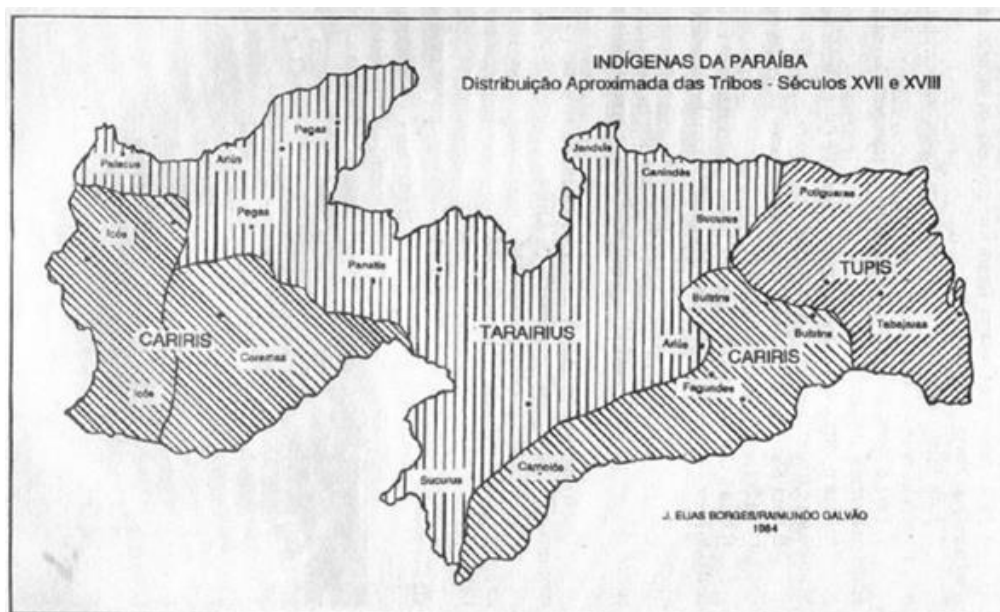
significa “aqueles de língua travada”, que era o nome que os próprios tupis davam aos índios do interior por falarem um idioma diferente do seu. Portanto, o grupo tapuia era uma grande generalização que abarcava centenas de tribos do interior.

Já os holandeses tinham uma divisão de tribos diferente: Os tupis eram chamados de brasilianos ou brasileiros e a única tribo do interior que chegaram a conhecer bem foram os Tarairiús os quais chamavam de tapuias, já os cariris, que nunca chegaram a conhecer muito bem, eram chamados sempre de cariris ou no máximo tapuias cariris. Os Tarairiús eram chamados de tapuias pelos holandeses, talvez pelo fato de habitarem o interior, usando a tradição portuguesa de chamarem os índios do interior de tapuias.

Portanto usando essa divisão para dividir as tribos paraibanas, havia como disse quatro tribos paraibanas: duas tribos eram tupis e duas eram tapuias. As duas tribos tupis habitavam o litoral, eram os potiguaras e os tabajaras. O rio Paraíba era como uma fronteira natural entre esses povos. Os tabajaras habitavam ao sul do rio Paraíba, e os potiguaras ao norte ao longo do rio Mamanguape e serra da Cupaoba. Já os tapuias eram: Os Cariris e os Tarairiús.

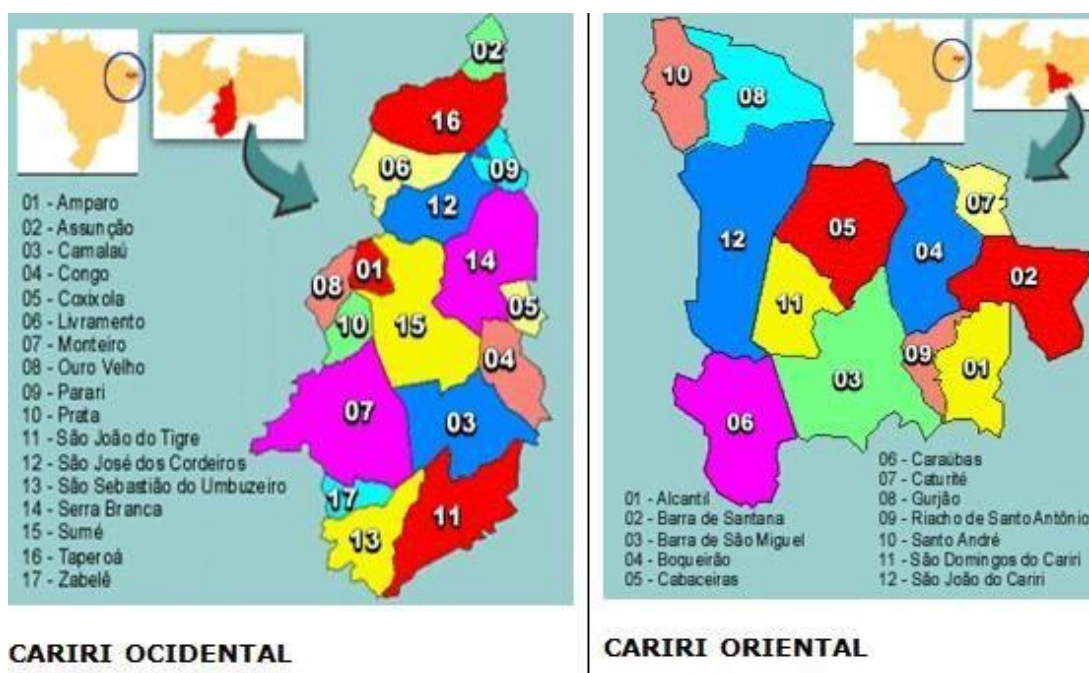
O território habitado pelos Tarairiús na Paraíba era bem extenso, aliás o maior das quatro tribos do estado. Eles habitavam as microrregiões do Curimataú, Seridó, Sertão e parte do Cariri paraibano.

Figura 02: Mapa da distribuição dos povos indígenas no território paraibano.



Fonte: Borges, José Elias. Índios paraibanos, classificação preliminar, 1993, p. 38

Figura 04: Mapa da região do Cariri Paraibano



Fonte: WEBCARTA, 2020

3.1.2 Subtribos Tarairiús

Como relatei era comum nas crônicas holandesas os autores usarem o termo tapuias exclusivamente para se referir aos Tarairiús, talvez por eles habitarem o interior e existir essa tradição entre os índios tupis e os portugueses de chamarem os povos do interior de tapuias. Mas já o cronista português Pedro Carrilho de Andrade utiliza apenas os nomes dos subgrupos Tarairiús em seu relato, sem nunca utilizar o termo tarairiú ou tapuia para se referir a eles; isto também era comum na documentação portuguesa onde havia menções a esta tribo, eles sempre se referem a este povo utilizando o nome de seus grupos: Janduís, Paiacus, Sucurus, etc. Demonstrando que somente os holandeses chamavam este povo de Tarairiú, pois mesmo os próprios Tarairiús se autodenominavam: Otshicayaynoe.

Mas antes de falarmos mais detalhadamente sobre esses grupos precisamos saber o que é uma subtribo ou subgrupo indígena. A tribo indígena, que seria a nação indígena como um todo, abrange certas unidades menores, que podem ser chamadas subtribos, grupos, subgrupos ou facções. Por exemplo: Os Sucurus eram uma dessas subtribos, não eram uma tribo autônoma separada, mas sim um grupo Tarairiú, que assim como vários outros também tinham a mesma língua e os mesmos

costumes, ou seja, pertenciam ao povo Tarairiú, sendo um dos seus grupos formadores. Os grupos poderiam se dividir ainda em aldeias, que era onde a população indígena de fato residia, estas aldeias indígenas geralmente são formadas por um conjunto de ocas e malocas, conforme geralmente esta é a imagem que o senso comum tem de uma aldeia indígena, e que de fato está correta no que se refere aos tupis, cuja as aldeias eram exatamente assim; só que os tarairiús ao contrário dos tupis não tinham casas nem aldeias ordenadas no máximo erguiam ramadas contra o sol e a chuva, conforme discorrei adiante quando falar de suas habitações e acampamentos na seção chamada Nomandismo. Os subgrupos Tarairiús eram os seguintes:

3.1.2.1 Janduís

Os Janduís viviam na região entre o rio Jaguaribe e o rio Açu, no Ceará e no Rio Grande do Norte. O próprio Jacob Rabbi dizia que o acampamento principal do rei Janduí ficava às margens do Rio Açu. Na Paraíba eles viviam no Seridó, nos rios Piranhas e Sabugy (Santa Luzia, Patos e Curimataú.) Este grupo recebeu o nome de seu rei Janduí, que foi o rei mais famoso dos Tarairiús. E isto acontecia muito entre os tarairiús, era costume mudar o nome do grupo, sempre que o seu cacique ou rei morria, adotando o nome do cacique falecido. Isso gerou muita confusão entre historiadores, antropólogos e linguistas que achavam se tratar de tribos diferentes. O nome “Janduí” é uma palavra tupi, vem de Nhandu-í (que significa “ema pequena” “o corredor” ou “o veloz”) figuradamente significa hábil corredor. Os Janduis foram um dos principais grupos tarairiús que enfrentaram os portugueses na Guerra dos Bárbaros. Eles acabaram sendo exterminados no decorrer do século XVII.

3.1.2.2 Sucurus

Na Paraíba os sucurus habitavam em Bananeiras, Cuité, nos rios Curimataú e Trairí e também no Cariri paraibano, onde o rio Sucuru era o centro de seus domínios. Os Sucurus são possivelmente o único remanescente dos Tarairiús ainda vivos. Eles escaparam de ser dizimados porque Sacramento, o primeiro bispo de Pernambuco os

transferiu para Limoeiro, Pernambuco, isto logo depois da expulsão dos holandeses; ele conseguiu mais tarde algumas terras na serra do Ararobá no atual município de Pesqueira, Pernambuco, onde vivem até hoje. Os sucurus de Pesqueira são descendentes dos antigos sucurus da Paraíba e também de alguns grupos sucurus do Rio Grande do Norte. Eles são conhecidos em Pernambuco atualmente como xucurus; eles vivem em uma reserva indígena na serra de Ararobá, em Pesqueira, dispersos em 25 aldeias, com uma população de 9.000 índios.

3.1.2.3 Ariús

Os Ariús viveram nas capitanias da Paraíba e do Rio Grande nos séculos XVII e XVIII. Sua área de ocupação se estendia do centro-sul potiguar ao centro norte paraibano; chegaram a ocupar as regiões dos rios Piranhas, Sabugi e Seridó, assim como a região do município de Patu no Rio Grande do Norte. Em 1697, foi assinado um tratado de paz entre os governantes da capitania da Paraíba e os Ariús, o tratado foi chamado de “Tratado de paz feito com os tapuias pequenos”, o qual possibilitou que houvesse paz entre portugueses e Ariús. O então capitão-mor da região do Piranhas e Piancó, Teodósio de Oliveira Lêdo decidiu transferir os Ariús para o planalto da Borborema, onde no mesmo ano de 1697, fundou um povoado que deu origem a cidade de Campina Grande, e aldeou os índios Ariús naquela localidade. Portanto, a segunda maior cidade da Paraíba surgiu de um aldeamento tarairiú. Os Ariús acabaram então sendo assimilados à população paraibana e o seu povo e sua cultura acabou por se extinguir por volta do fim do século XVIII.

Figura 05: Teodósio de Oliveira Lêdo e os índios Ariús.



Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Teodosio_e_Arius.jpg

3.1.2.3 Pegas

Geralmente tem se feito muita confusão na identificação desta subtribo, Irineu Joffily a escrever sobre ela disse o seguinte:

Assim diversos documentos falam nos -tapuios pegas- que ofereceram resistência aos bandeirantes; e, como esta palavra não seja cariri nem tupi, parecendo-se portuguesa, temos dúvida se ela aplica-se a uma tribo distinta, ou se foi dada pelos portugueses às diversas que se levantaram contra o domínio além das fraldas ocidentais da Borborema (Joffily, 1892, p.27)

Irineu Joffily ao analisar as tribos indígenas paraibanas em *Notas sobre a Paraíba* ele se depara com este grupo chamado pega, ainda os incluindo entre os cariris, ele nota que esta palavra não é nem cariri e nem tupi, mas parece ser uma palavra de origem portuguesa. O nome realmente parece português, mas não se sabe ao certo a origem. Olavo de Medeiros Filho fala que este grupo era liderado pelo rei Pecca, talvez assim tenha originado-se o seu nome, pois era costume de os Tarairiús mudar o nome do grupo sempre que o cacique morria, o nome Pegas pode ter se originado do nome do seu rei “Pecca”.

Já outros autores acreditam que os Pegas eram os mesmos Ariús e não um grupo distinto. José Elias Borges os classifica como grupo distinto. Mas Olavo de Medeiros Filho os classifica como sendo Ariús: “Os Pegas eram os mesmos Ariús pequenos também Tarairiús” (Medeiros, 1999, p.256). Talvez de fato fossem mesmo Ariús, por que quando observamos o mapa da distribuição indígena da Paraíba e observamos o nome de dois grupos pegas no vale do rio Piranhas, vemos também que há um grupo de Ariús próximos, talvez os Pegas realmente fossem Ariús que mudarem de nome depois da morte do cacique, como era comum entre os Tarairiús; e como sabemos, isto tem causado muita confusão entre antropólogos, historiadores e linguistas.

Os Pegas habitavam no rio Piranhas e na serra de João do Vale onde atualmente se encontram Pombal e Catolé do Rocha. Pombal é a cidade mais antiga do sertão paraibano tendo sido elevado a município em 1766, e surgiu de uma missão jesuíta dos Pegas, ou seja, assim como Campina Grande, Pombal surgiu de um aldeamento tarairiú e assim como Campina Grande, Pombal também foi fundada por Teodósio de Oliveira Lêdo.

Em 1762, o juiz Miguel Pina de Caldeira Castelo Branco transferiu os Pegas para São José do Mipibu, Rio Grande do Norte; os Pegas foram um dos últimos ou talvez o último grupo tarairiú a viver no estado da Paraíba.

3.1.2.4 *Paiaacus*

Os paiaacus habitaram a região compreendida entre o rio Açu, na chapada do Apodi no rio Grande do Norte e o baixo Jaguaribe no Ceará. Na Paraíba, os paiaacus habitavam no extremo noroeste do estado na fronteira do Rio Grande do norte e Ceará. Os paiaacus também eram conhecidos como baiacus, uma referência a um peixe de glândulas venenosas comum no litoral do Nordeste. Embora a literatura não especifique por que de fato receberam esse nome; talvez tenha sido por causa de sua ferocidade e letalidade. Já que os paiaacus eram considerados o grupo tarairiú mais temível, e nunca fizeram boa amizade com os colonizadores europeus, mesmo com os holandeses que sempre foram bons amigos dos tarairiús, eles nunca se relacionaram bem. Eles não tinham boas relações nem mesmo com outras tribos indígenas e atacavam aldeias tanto tupis quanto tapuias quando se deparavam com elas. Rolox Baro em sua *Relação da Viagem ao País dos Tapuias* fala que existia um rei tarairiú chamado Paiaacu, o que também dar-se a entender que talvez também daí tenha se originado o nome do grupo.

Segundo Thomaz Pompeu Sobrinho os paiaacus se extinguiram no começo do século XIX, mais ou menos em torno de 1817.

3.1.2.5 *Panatis*

Os panatis eram os antigos habitantes da serra dos Panatis no Rio Grande do Norte, que recebeu o seu nome. Seu território se estendia entre os rios Açu e Apodi no Rio Grande do Norte e o Jaguaribe no Ceará. Na Paraíba eles habitavam em Pombal e outras partes dos rios Piranhas e Espinharas e especialmente na região do município de Patos onde existe como recordação de seus antigos habitantes: O rio Panati e também uma rádio com o nome deste grupo Tarairiú, a rádio Panati FM.

3.1.2.6 Cavalcantis

Os Cavalcantis eram os próprios ariús transportados para Campina Grande, onde passaram a se chamar Cavalcanti. Os ariús trazidos por Teodósio de Oliveira Lêdo para Campina Grande eram todos catequizados e batizados. Assim o seu cacique foi batizado com o nome Cavalcanti, e conforme o costume tarairiú do grupo receber o nome do cacique, os Ariús transportados para Campina Grande passaram a ser conhecidos posteriormente como Cavalcantis.

3.1.2.7 Jenipapos

Os jenipapos viviam nas fronteiras da Paraíba com o Rio Grande do Norte e o Ceará e também nas fronteiras desses dois estados. O seu nome provém do fruto do Jenipapo, do qual os Tarairiús extraíam a tintura negra com a qual pintavam o corpo.

3.1.2.8 Vidais

José Elias Borges é o único autor a mencionar este grupo. Thomaz Pompeu Sobrinho não os menciona e nem Olavo de Medeiros Filho, eles também não estão presentes em seu mapa dos indígenas paraibanos; também não consegui outras literaturas que os mencionem. Segundo Borges, eles podiam ser encontrados nas fronteiras da Paraíba com o Rio Grande do Norte e Ceará.

José Elias Borges menciona dez grupos Tarairiús habitando a Paraíba, os nove que mencionei mais os canindés, que falarei mais abaixo. Mesmo Borges mencionando estes dez grupos, não há registro desses dois últimos grupos: Os Jenipapos e os Vidais habitando o estado, e não estão representados no seu mapa dos indígenas paraibanos; mas Borges os menciona em seu trabalho: Índios Paraibanos- Classificação Preliminar, mas o mais provável é que eles não habitassem o estado. Estes nove grupos mencionados mais os canindés eram os subgrupos tarairiús que habitavam a Paraíba, segundo Borges, e também o Rio Grande do Norte que possuía os mesmos grupos. Em Pernambuco, pelo que parece o único grupo Tarairiú existente eram os Sucurus; o sertão pernambucano era dominado principalmente pelos cariris, e também era habitado por outras tribos como os Fulniôs

e os Pancararus. E depois de falar dos grupos tarairiús paraibanos agora discorrei sobre os grupos tarairiús que habitavam o Ceará.

3.1.2.9 Jucás

Os jucás habitavam o sertão dos Inhamuns no Ceará, no território dos atuais municípios de Acopiara, Cariús, Iguatu e Saboeiro. Os Jucás viviam às margens do riacho dos Jucás, que deságua no rio Jaguaribe, perto da serra dos Boqueirões, atualmente serra de Arneirós. Segundo Gomes de Freitas autor do trabalho: *Os Primitivos Donos da Terra dos Inhamuns* publicado na revista do Instituto do Ceará:

Os jucás eram um povo de compleição forte, que se fixou em um país de ares amenos, vegetação variada com largas faixas de árvores frutíferas e caça abundante. Daí por que, em qualquer época do ano, regalavam o apetite de carne e peixe, e, no verão vitaminavam-se com frutos de umbuzeiros (*spondia tuberosa*), colhidos do maior pomar destas anacadiáceas, no interior do Ceará, situado ao longo do rio do Umbuzeiro e em um dos braços do riacho do Jucá (Freitas, 1970, p.151).

E por habitarem essa fértil região cearense, os jucás não se deslocavam ao litoral em busca de alimento como os demais grupos tarairiú. Herckmann (1886) descreve que os Tarairiús que habitavam a Paraíba desciam ao litoral sempre que havia uma seca no sertão e também na época da safra do caju no fim do ano.

Segundo Thomaz Pompeu Sobrinho, o nome jucá é o radical do verbo tupi ajucá, que significa matar. No Nordeste é um dos nomes para a árvore leguminosa chamada de pau-ferro (*caesalpinia ferrea*) que possuía uma madeira duríssima, uma das árvores com as quais os Tarairiús confeccionavam seus tacapes, que era uma das suas principais armas, já que os Tarairiús não utilizavam o arco e flecha. Segundo Herckmann: “Com a qual arma tocando eles alguém esse não se levantará mais do chão” (1886, p. 281). Portanto, está árvore passou a se chamar jucá, por que era a árvore cuja madeira os índios utilizavam para matar. O município cearense de Jucás também recebeu o seu nome como referência a essa subtribo.

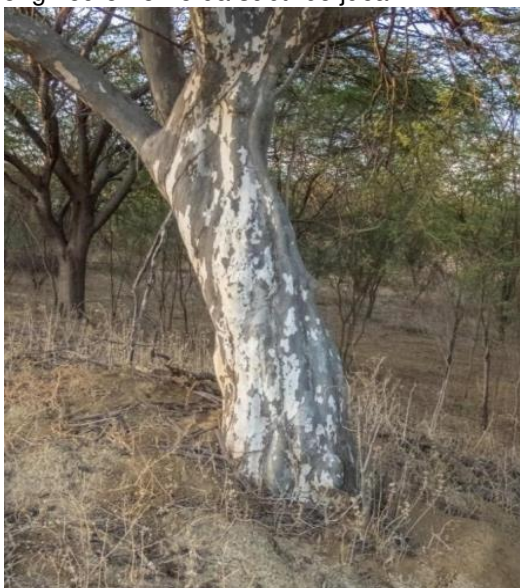
A subtribo dos jucás recebeu esse nome que significa “matadores” por sua ousadia ao travarem suas guerras e pela forma como tratavam seus inimigos vencidos. Na literatura brasileira dentro da escola literária romântica existe o movimento denominado indianismo que idealizava os índios como autênticos heróis

nacionais. O escritor indianista José de Alencar escreveu em sua obra *O Sertanejo* publicada em 1875:

O Sertão do Quixeramobim era infestado pelas correrias de uma valente nação indígena, que se fizera temida desde o Crateús até o Jaguaribe. Era a nação Jucá. Seu nome que em tupi significa *matar* indicava a sanha com que exterminava os inimigos. [...] O chefe da nação jucá, era o terrível Anhamum, nome que na língua tupi significa o irmão do diabo. (Freitas, 1970, p.153)

Conta-se que os jucás decepavam as cabeças dos inimigos mortos e as penduravam em estacas em uma região montanhosa do sertão dos Inhamuns, no Ceará, onde até o início do século XIX, ainda podiam ser vistas neste lugar. Em uma época em que já se fazia muito tempo que os jucás haviam desaparecido desta região, elas serviam como uma recordação do espírito guerreiro dos antigos donos da terra.

Figura 06: Aspecto de um tronco de pau-ferro ou jucá, árvore de madeira resistente com a qual os Tarairiús confeccionavam os seus tacapes. O nome desta árvore também se originou o nome da subtribo jucá.



Fonte: <https://www.arvoresadultas.com.br/plantas/pau-ferro/>

3.1.2.10 Javós

Os javós habitavam a fronteira entre o Rio Grande do Norte e o Ceará. A região do município de Apodi, no Rio Grande do Norte e o vale do Jaguaribe no Ceará.

3.1.2.11 Camaçus

Os Camaçus eram um grupo Tarairiú que segundo Thomaz Pompeu Sobrinho, habitava o estado do Ceará. Não encontrei na literatura existente sobre os tarairiús nenhuma referência sobre o local exato onde eles habitavam. Olavo de Medeiros Filho também os menciona na sua lista de grupos Tarairiús.

3.1.2.12 Tacarijus

Os Tacarijus habitavam a serra da Ibiapaba no Ceará. A serra da Ibiapaba se situa entre os estados do Ceará e Piauí. Os Tacarijus conseguiram cruzar a serra da Ibiapaba e se estabeleceram na região do município piauiense de São Miguel do Tapuio que fica próximo à fronteira com o Ceará. Sendo o único grupo tarairiú a ultrapassar a tradicional zona de domínio tarairiú descrita por Nieuhof, como sendo entre o Ceará e Pernambuco.

3.1.2.13 Arariús

Os Arariús, que também eram conhecidos como areriús ou reriús habitavam no vale do rio Acaraú, próximo as suas nascentes, na região da serra da Ibiapaba. Os arariús foram dizimados tanto pelas guerras promovidas pelos portugueses, como por guerras contra outros povos indígenas; este extermínio foi acentuado pelas doenças trazidas pelos conquistadores e os sobreviventes foram assimilados a população cearense através da miscigenação.

3.1.2.14 Caratiús

Os Caratiús habitavam na serra da Ibiapaba e serra do Crateús, no médio rio Poti, no estado do Ceará. Os Caratiús se extinguíram como povo ainda no século XVIII, os que não morreram nas guerras contra os colonos foram assimilados à população através da mestiçagem. Entre as várias teorias sobre a origem do nome da cidade cearense de Crateús, que no passado foi habitada pelos caratiús, é que o seu

nome deriva de caratiús. Os caratiús eram referidos muitas vezes como caratis nos documentos portugueses, a terminação “us” significa “povo” ou mais particularmente tribo, o que viria a significar “índios da tribo carati.”

José Elias Borges afirma em seus trabalhos que os sucurus de Pesqueira são os únicos remanescentes dos Tarairiús ainda vivos. Só que em minhas pesquisas eu encontrei dois grupos indígenas que são sem dúvidas descendentes dos Tarairiús. Borges talvez não os menciona por que só foram reconhecidos recentemente como grupos indígenas. São os canindés e jenipapos-canindés do Ceará.

Em que me baseio para afirmar que são descendentes dos Tarairiús? Primeiro eles habitavam o Ceará, um estado que também era habitado pelos Tarairiús. Segundo o nome Canindé presente nos dois grupos. Canindé foi o rei que substituiu Janduí depois que ele morreu e também conforme o costume tarairiú, o grupo mudou de nome para canindés, Canindé é o nome de um rei tarairiú e de uma subtribo Tarairiú da qual provavelmente esses canindés do Ceará descendem ou senão por que uma tribo avulsa teria o nome de um rei tarairiú e de um grupo tarairiú se não fossem descendentes deles? O mesmo também ocorre com os jenipapos que mais tarde foram aldeados juntos com os canindés dando origem aos jenipapos-canindés. E terceiro, vários aspectos culturais destes povos indígenas remetem aos Tarairiús, como o fato de hoje só falarem português assim como os sucurus de Pernambuco, e a própria forte cultura de caça que possuem, que remete aos Tarairiús, que eram nômades e a sua principal atividade era a caça.

3.1.2.15 Canindés

Os Canindés habitavam o sertão central do Ceará e na fronteira da Paraíba com o Rio Grande do Norte, na região do Curimataú, nas terras do atual município de Cuité. Os canindés eram os próprios janduís que mudaram de nome graças ao seu rei Canindé, Canindé sucedeu Janduí como rei dos tarairiús, e deu prosseguimento a guerra contra os portugueses no que ficou conhecido como Guerra dos Bárbaros, tamanha foi a resistência dos canindés, que forçou o rei de Portugal a assinar um tratado de Paz em 1692. O nome Canindé é um nome tupi e significa “barulhento”. O

fato de um rei tarairiú ter um nome tupi não é uma contradição se pensarmos que o tupi era uma língua franca entre os indígenas, segundo Borges:

Os tupis eram quem mandavam e sua língua era uma língua de comunicação geral. Era o inglês daquele tempo. As diversas tribos tapuias usavam o tupi. O Canindé apareceu quando? Os documentos holandeses dizem que surgiu o rei Canindé, que falava tupi, mas era rei tarairiú. E a maior parte dos nomes de pessoas dos tarairiús era nomes do tupi. (Borges, 2000, p.130)

Portanto, o tupi como língua franca era conhecida dos tarairiús, e muitos nomes de pessoas dos tarairiús eram nomes tupis como o caso do rei Canindé e também de Janduí, seu antecessor. E várias sub-tribos também tinham nomes tupis como os próprios canindés, os janduís e os jucás. Inclusive o nome tarairiú era um nome tupi, embora eles próprios não se denominassem assim, mas foram assim batizados pelos holandeses.

Os descendentes dos antigos canindés vivem atualmente nos municípios de Canindé (que recebeu o seu nome em referência a este grupo) e Aratuba no Ceará. São cerca de 1.101 pessoas divididas em 285 famílias.

Os canindés só foram reconhecidos como grupo indígenas em 2003, isso explica por que não foram citados por Borges em seus trabalhos, como uns dos últimos grupos descendentes dos tarairiús; pois seus trabalhos são respectivamente de 1993 e 2000, quando eles não haviam ainda sido reconhecidos.

Os canindés atuais possuem forte cultura de caça herdada dos antepassados.

E se autodesignam como um “povo caçador”, e isto também é um argumento favorável a ideia de que são descendentes dos Tarairiús, pois a principal atividade de subsistência dos Tarairiús era a caça; eles eram nômades e tinham uma agricultura pouco desenvolvida, a agricultura era apenas um complemento às suas atividades de caça, pesca e coleta de frutos silvestres. Os canindés atuais também dão ênfase à caça, e a agricultura é praticada apenas como um complemento necessário para a alimentação.

3.1.2.16 Jenipapos-Canindés

Os jenipapos-canindés vivem atualmente em uma reserva indígena no município de Aquiráz no Ceará. É um grupo pequeno conta apenas com 328 indivíduos. A sua origem é cercada de controvérsias, eles se dizem descendentes dos Paiacus. Mas é

sabido que no século XVII, os jenipapos e os canindés formavam grupos diferentes, conforme demonstrado nesta secção onde os jenipapos e canindés são tratados como grupos distintos; só a partir do século XVIII eles foram aldeados em conjunto, por serem falantes da mesma língua e serem da mesma nação, e com o passar do tempo passaram a se identificar como jenipapos-canindés. Mas seja qual for a teoria correta, eles são inegavelmente Tarairiús, pois os Paiacus também eram uma sub-tribo Tarairiú assim como os jenipapos e canindés, ou seja pode-se dizer que a maior discussão que existe sobre os jenipapos-canindés não é se eram ou não descendentes dos Tarairiús, mas sim se descendem dos Paiacus ou dos jenipapos e canindés; pois todos esses três grupos eram grupos Tarairiús. Eles assim como os Canindés e os Xucurus de Pernambuco desconhecem sua antiga língua e falam apenas português. E os próprios canindés os consideram seus parentes, ou seja, dificilmente eles não são descendentes dos Tarairiús. Portanto, esses dois grupos indígenas do Ceará são junto com os Sucurus de Pesqueira, Pernambuco, os últimos descendentes dos Tarairiús. Os dois grupos juntos não somam 1500 indivíduos, e que na década de 90 na época em que José Elias Borges e Olavo de Medeiros Filho escreveram seus trabalhos eram ainda menores. Os jenipapos-canindés em 1997, contavam apenas 180 indivíduos; por serem pouco numerosos e ainda não serem reconhecidos como grupo indígena, eles não eram conhecidos por estes autores que não os mencionaram. Mas inegavelmente os jenipapos-canindés e os canindés junto com os sucurus de Pernambuco são os últimos descendentes dos Tarairiús ainda vivos.

3.1.3 Aparência Física

Os antigos cronistas relatam que os tarairiús tinham grande altura, eram fortes e que corriam como um cavalo. São vários os cronistas que relatam a rapidez dos tarairiús ao correr, Pedro Carrilho de Andrade afirma:

Marchou logo outra tropa com muito mais gente e por cabo dela o coronel Antônio de Albuquerque da Câmara, que tão bem assistiu algum tempo no sertão, e teve alguns encontros e assaltos dos bárbaros e deu e recebeu alguma perda; por que aqueles alarves levam vantagens aos mesmos animais nas forças e na ligeireza do correr, não há quem os iguale ou emparelhe [...] (Andrade, 1912, p.142).

Os Tarairiús possuíam uma cor atrigueirada e tinham as cabeças grandes e largas. Segundo Olavo de Medeiros filho: “Em tais cabeças, encontra-se a origem dos cabeças chatas nordestinos.” (Medeiros Filho, 1999, p.245) No Nordeste, os atuais descendentes dos indígenas possuem a chamada cabeça chata; outra marca existente nos descendentes seria as manchas mongólicas, mais conhecidas como jenipapo, e é chamada assim por que é uma mancha de cor negra, assim como o sumo do fruto do jenipapeiro que produz uma cor negra, com a qual os índios se pintavam.

No Brasil as duas regiões que mais possuem influência indígena é primeiramente o Norte, cuja a maior parte da população é cabocla¹ e onde também existe a maior parte das tribos indígenas existentes no país, muitas delas isoladas. E a outra é o sertão nordestino, cujo tipo humano predominante é também o caboclo, o mestiço de branco com índio. O sertanejo nordestino geralmente é descrito como um mestiço de branco com índio, e que possuem ancestrais indígenas remotos de séculos e séculos atrás, e que nem sequer se imagine como possuidor de uma ascendência indígena, mas que possuem estes traços como a cabeça chata e a pele acobreada que demonstram uma ascendência indígena mesmo que remota.

Embora autores como Euclides da Cunha generalizassem como se toda a população do interior do Nordeste fosse cabocla, (pois o sertanejo que ele descreve em Os Sertões é um caboclo ou curiboca como geralmente é mencionado no livro) a influência indígena varia de estado para estado. Euclides analisou o sertão baiano onde esteve por ocasião da campanha de Canudos (1896-1897) e generalizou as características existentes ali para todo o sertão do Nordeste. De fato, os manuais de Geografia do Brasil sempre colocam o caboclo como sendo o tipo humano predominante do sertão; e de fato, a maioria da população sertaneja tem ascendência indígena, mas não significa que sejam todos e também a influência indígena varia de estado para estado e de região para região, o Rio Grande do Norte, por exemplo, é o estado nordestino com menor influência indígena, não existindo nenhuma tribo ou reserva indígena em seu território e tendo uma quantidade menor de mestiços. Mas no geral o sertão nordestino é a segunda região com mais influência indígena no país, e sua população guarda muitas marcas dos antigos habitantes da terra.

¹ Geralmente se dá o nome de caboclo ou mameluco ao mestiço de branco com índio.

Mas voltando ao tema da aparência física dos Tarairiús descrita pelos cronistas. Os Tarairiús possuíam cabelos pretos, espessos e ásperos; e deixavam os cabelos crescerem tantos os homens quanto as mulheres, alguns possuíam cabelos bem compridos, só os aparavam na frente e na região das orelhas. Eles não utilizavam barba e raspavam todos os pelos do corpo, mesmo as sobrancelhas. Albert Eckhout (1610-1666) foi um pintor que fez parte da comitiva de artistas e cientistas trazidos ao Brasil pelo conde Maurício de Nassau. O seu quadro *Dança dos Tapuias* é considerado por muitos estudiosos sua obra-prima, e os índios tapuias retratados nesta obra são obviamente os tarairiús. Neste quadro pode-se observar aspectos da sua cultura, inclusive os seus penteados, que Eckhout reproduziu com perfeição.

Os Tarairiús andavam inteiramente nus. Os homens atavam um amarrilho as suas partes íntimas, e as mulheres usavam um avental de folhas para cobrir as partes íntimas, todos os dias estas folhas eram substituídas por folhas frescas. Segundo Pedro Carrilho de Andrade, elas utilizavam um avental de folhas à semelhança de Adão e Eva quando pecaram. Pois segundo a Bíblia, Adão e Eva quando perceberem que estavam nus depois de comerem o fruto proibido, se cobriram utilizando um avental de folhas de figueira. E esta espécie de vestimenta das índias pode ser observada em outro quadro de Eckhout *Mulher Tapuia*, onde se pode ver uma mulher indígena se cobrindo com folhas de árvore.

Os Tarairiús costumavam-se pintar com tintas extraídas do jenipapo e do urucu e adornar com diversas penas de aves, segundo Herckmann: Arreiam-se de toda sorte de penas vistosas, com o que parecem mais um pássaro ou um monstro do que um ser humano (1886, p.284). Também segundo Herckmann essas penas eram de araras, papagaios e periquitos.

Os tarairiús costumavam calçar sandálias feitas da casca de uma árvore chamada curaguá. Estas sandálias também podem ser observadas no quadro *Mulher Tapuia de Eckhout*. Os tarairiús costumavam introduzir, ossos, pedras e pedaços de madeira nas orelhas, narizes, bochechas e lábios: Assim Pedro Carrilho de Andrade descreve esse costume:

Estes ímpios desde meninos, se martirizam, todos os machos furando os beíços da parte de baixo junto a barba e metem-lhe um torno ou botoque de pau, ou pedra da grossura de um dedo. E vão sempre alargando, até fazerem da largura de uma moeda de duas patacas pouco mais ou menos, como querem (Andrade, 1912, p.135).

Este costume conforme descreve Carrilho de Andrade era um costume somente masculino; embora os cronistas não especifiquem se as mulheres tinham esta prática ou não, talvez se a tivessem era apenas para furarem as orelhas; os homens furavam as orelhas, os lábios e as bochechas. Aos sete ou oito anos, segundo Herckmann, os meninos passavam por um ritual de transição para idade adulta, onde perfuravam as suas orelhas e o lábio inferior. No buraco perfurado abaixo do lábio era introduzida uma pedra colorida e nos das orelhas eram introduzidos ossos ou pedaços de madeira. Os homens só tinham as bochechas perfuradas depois de casados, onde também eram colocados pedaços de madeira. Todos estes adornos corporais masculinos dos Tarairiús podem ser vistos em outra pintura de Eckhout chamada de *Índio Tapuia*.

Figura 07: Índios Tapuias, 1643. Obra de Albert Eckhout.



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/101492>

3.1.4 Nomadismo

Embora as informações deixadas pelos cronistas em muitos casos possam ser contraditórias, no que se refere ao fato dos tarairiús serem nômades, isto é algo unânime que todos afirmam. Brandão, Laet, Barleus, Herckmann, Marcgraf, Nieuhof, Baro e Carrilho de Andrade, todos afirmam que os tarairiús eram nômades. Abaixo eu transcrevo alguns trechos referentes a isto, escritos por estes cronistas:

Estes tapuias vivem no sertão, e não têm aldeias nem casas ordenadas para viverem nelas, nem menos plantam mantimentos para sua sustentação. (Brandão, 2010, p.320)

Segundo Herckmann (1886) Não têm lugares certos ou aldeias onde morem, vagueiam, ora demorando-se em um sítio, ora em outro. (p.279). Mais adiante completa: [...] por isso eles não levantam casas a não ser de alguns ramos e para servirem de abrigo contra a chuva ou sol ardente. (Herckmann,1886, p.282)

Vagam semelhantes aos nômades, ordinariamente por lugares incertos, porém, entre limites determinados, entre os quais mudam os acampamentos segundo a variação das estações do ano; [...] (Marcgraf,1942, p.279).

Os tapuias levam uma vida nômade como a dos árabes, conquanto permaneçam sempre mais ou menos numa certa área dentro cujos limites vão mudando de morada, conforme as diferentes estações do ano. Vivem de preferência no mato, alimentando-se de caça em cuja atividade eles talvez se avantajem aos de qualquer outra nação. Chegam a flechar uma ave em pleno voo. (Nieuhof, 1942.p.320-321).

Não há animal ou fera que não tenha o seu jazigo ou lugar certo, cova, lapa ou buraco onde descansam de dia ou de noite conforme o seu uso; mas estes infieis, não tem jazigo nem lugar certo, como tenho dito. (Andrade,1912, p.138).

Portanto, todos os cronistas afirmam categoricamente que os Tarairiús eram nômades. Sobre a secção em que falei de suas diversas subtribos, é importante frisar que quando descrevo o local onde estes indígenas habitavam, eles não permaneciam fixos em um mesmo local, mas vagavam por toda aquela região. Os sucurus por exemplo, vagavam por todo o cariri ocidental, entre o rio sucuru e as serras do Jabitacá e Jacarará, não tendo lugar fixo.

Mas voltando a ideia das subdivisões das tribos indígenas de que falei na secção subtribos Tarairiús. A tribo conforme descrevi seria a nação Tarairiú como um todo que formava uma tribo, e habitava estes quatro estados: Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Todos estes indígenas tinham os mesmos costumes que descrevo nesta primeira parte deste trabalho, tinham a mesma língua e também se auto-denominavam: Otshicayaynoe. A nação tarairiú, se dividia em cerca de 16 grupos. (Thomaz Pompeu Sobrinho dirá 22, mas só encontrei bibliografia referente a 16 grupos, e alguns grupos que ele classifica em seus trabalhos como tarairiús, são hoje tidos como cariri) Os sucurus eram um deles, como os tarairiús eram nômades e vagavam por todo o cariri ocidental. Esses grupos conforme descrevi se dividiam ainda em aldeias, que era onde a população indígena de fato residia. Portanto, a nação indígena se dividia em subgrupos, os subgrupos, por sua vez, se dividiam em aldeias.

A aldeia indígena, conforme a imagem do senso comum, que é baseada nos costumes dos tupis, que são os indígenas mais conhecidos do Brasil; era de uma aldeia formada por ocas ou malocas construídas de galhos e folhas de palmeira. As ocas eram habitações habitadas por uma mesma família ou por parentes mais próximos; as malocas eram habitações coletivas onde viviam várias famílias. Esta ideia não é errônea, não só os tupis possuíam habitações assim, mas a maioria dos povos indígenas brasileiros. Os tarairiús, por sua vez, como demonstrarei ao longo deste trabalho eram uma cultura singular entre todos os povos indígenas. Eles não possuíam habitações como os demais povos indígenas, costume que aliás Pedro Carrilho de Andrade descreve bem:

Adonde quer que lhes anoitece dormem deitados pelo chão sobre a terra ou areia pura, sem mais palha nem esteira ou cobertura alguma, nem por baixo nem por cima, nem buscam sombra de árvore, nem abrigo. Mas antes, no lugar mais descoberto e patente ao ar e céu, ali se deitam acendendo fogos que parece lhes servem de alimento e assim passam as noites cantando, mui contentes[...] (Andrade, 1912, p.138).

Conforme este relato de Pedro Carrilho de Andrade onde quer que anoitecesse, os Tarairiús dormiam em qualquer área a céu aberto, onde quer que estivessem eles dormiam sem buscar nenhum abrigo; e também por que não construíam para si habitações. Portanto, não podemos imaginar uma aldeia tarairiú de fato, pois haviam apenas os lugares não fixos onde eles acampavam, já que eles viviam se deslocando incessantemente em busca de comida. No máximo, conforme o trecho de Herckmann que transcrevi acima, eles erguiam ramadas como proteção contra o sol ou chuva; essas ramadas costumavam ter a forma de um V invertido.

De todas as tribos indígenas brasileiras, os Tarairiús eram muito provavelmente a que vivia em um ambiente mais hostil. Eles viviam em um clima semiárido sujeito a secas e estiagens constantes. O que é interessante é como eles conseguiram se adaptar tão bem a este clima, já que os portugueses e depois os brasileiros tiveram tanta dificuldade; durante séculos grandes secas mataram milhares de sertanejos de fome, a exemplo da grande seca de 1877-1879, que matou 300 mil nordestinos. Esta terrível seca deu início a ajuda governamental aos flagelados da seca e também foi o início da imagem que todo o país passou a ter a partir de então do Nordeste como a região das secas e de miséria. Os Tarairiús também sofriam com os rigores do clima semiárido; Herckmann descreve esta situação:

Os tapuias descem muitas vezes de suas terras para as fronteiras inferiores e os limites do Brasil, o que acontece principalmente quando os estios são secos, e eles não encontram bastante alimento em suas terras; pois eles mesmos consideram as regiões inferiores do Brasil melhores, mais saudáveis e frutíferas do que os lugares onde habitam, que dizem ser rochosos e mal providos de mantimento.[...] Dizem ainda que em suas terras não há gado ou animais que sirvam para alimento, salvo os porcos selvagens, dos quais apanham alguns de vez quando. Acrescentam que às vezes lhes sucede viajar dois ou três dias sem encontrar água, a não ser a que procede do orvalho da manhã e se junta nos cantos e recantos das penhas. Também se encontra ali um mel tão espesso e branco como leite, eles o tiram das árvores, e dele se servem para se alimentarem. (Herckmann, 1886, p.286-287).

Barleus também descreve o seguinte:

Nos desertos durante o estio, tudo fica tórrido e seco por causa dos montes altíssimos e vales muito fundos e da reverberação dos raios solares. Entretanto, no mês de janeiro, caindo chuvas bastante copiosas, reverdece e germina o solo, tornando-se ameníssimo o aspecto das campinas. As águas que se ajuntam nos abismos das montanhas os fazem caminhar ou parar durante o estio. (Barleus, 2016, p.294).

Ao analisarmos o relato de Herckmann percebemos que os Tarairiús sofriam privações de comida e de água no sertão; e chega a ser impressionante pensar que uma tribo que tinha uma cultura mais rudimentar que os demais povos indígenas conseguiram se adaptar ao clima mais hostil do país. Muitos Tarairiús devem ter morrido de fome e sede nas severas secas ocorridas no sertão, assim como ocorreu a muitos sertanejos depois. Irineu Joffily percebeu as dificuldades que um clima semiárido poderia causar a uma população indígena; e relata o seguinte em *Notas sobre a Paraíba*:

Parece que nenhuma das capitâneas do grande quadrilátero formado pelos rios São Francisco e Paraíba e costas orientais e setentrionais do atlântico tinha população relativa tão numerosa como a Paraíba. As suas tribos tupis, apesar de circunscritas ao pequeno território que ficou traçado, eram numerosíssimas, como se evidencia da História do Brasil, de Frei Vicente do Salvador. Os Cariris, conquanto subdivididos em maior número de tribos e dominando território muito mais vasto, seriam iguais em população, por que o sertão, onde habitavam não poderia talvez prestar alimentação suficiente a um povo selvagem mais numeroso (Joffily, 1892, p.151).

Joffily, aqui mesmo ainda confundindo tarairiús e cariris, observa que o Sertão não poderia oferecer alimentação suficiente para uma população indígena numerosa; e isso explicaria por que a população indígena do litoral e do sertão serem iguais em número, mesmo os índios do interior detendo um território mais vasto.

Esta falta de alimentos e de água obrigava os tarairiús a se retirarem para o litoral uma ou duas vezes por ano. Segundo Herckmann, os tarairiús iam ao litoral na

época da colheita do caju, que era um fruto muito apreciado por eles, e faziam isto por que quase não existiam cajueiros no sertão. O clima semiárido os obrigava algumas vezes por ano a irem ao litoral fugidos da seca; de certa forma os tarairiús foram os primeiros retirantes da seca do Nordeste.

Como sempre estavam mudando de acampamento, quando isto ocorria eles ateavam fogo ao antigo lugar de acampamento. E ao partirem transportavam consigo dois troncos de árvore conservados no chão, à distância de um tiro de pedra da tenda do rei. O povo era então dividido em dois grupos, e cada grupo escolhia aquele que achava mais forte, o escolhido então colocava um dos troncos nos seus ombros, e no outro grupo também ocorria o mesmo; e os dois escolhidos iniciavam uma corrida para ver quem chegava primeiro ao novo local de acampamento; e sempre que um dos que carregavam a tora de madeira se cansava, outro do grupo o substituíam e assim ocorria sucessivamente até o novo local do acampamento. Rolox Baro deu o nome a este esporte de: Correr a árvore.

José Elias Borges acreditava que esta corrida de toras era uma das evidências que filiaria os tarairiús aos jês, já que o povo costumava se dividir em metades durante a prática deste esporte, algo comum entre os jês, a divisão em metades.

Segundo Barleus, os Tarairiús evitavam as marchas noturnas, com medo de cobras e serpentes, somente começando as suas jornadas depois do sol ter desfeito o orvalho dos campos. Herckmann, relata que os Tarairiús eram muito vitimados por mordidas de serpentes e por isso eles costumavam temê-las.

Quando chegavam ao novo local de acampamento, os Tarairiús cortavam árvores para erguerem suas ramadas e choupanas com galhos. E conforme os costumes indígenas as tarefas eram divididas conforme a idade e o sexo. Os homens saíam para caçar, pescar e recolher mel silvestre. Enquanto as mulheres se dedicavam-se as atividades domésticas, preparando comidas e bebidas. Já as mulheres mais velhas iam ao campo arrancar raízes destinadas a fabricação de farinha e preparação de pães.

3.1.5 Formas de subsistência

Os Tarairiús viviam da caça, pesca, coleta de frutos silvestres e mel; acredita-se ainda que eles possuíam uma forma rudimentar de agricultura, mas os relatos

relativos a este tema variam bastante de cronista para cronista. Borges (1993) relata que eles eram fundamentalmente ictiófagos, ou seja, sua alimentação se baseava em peixes; o próprio nome tarairiú significa “comedor de traíra”. Barleus conta que na estação das chuvas havia uma grande pescaria na lagoa Bayatach (atual Piató, no rio Açu), os peixes apanhados eram tão gordos que dispensavam o uso de gordura para prepará-los. Nos meses de março e abril, a atual lagoa Piató no município de Açu no Rio Grande do Norte, costumava receber o transbordamento do rio Açu, tal era a pescaria que os Tarairiús realizavam ali, que as mulheres da tribo mal conseguiam levar todo o peixe para o acampamento.

Já no que se refere a caça, segundo Herckmann, os próprios tarairiús costumavam reclamar que não encontravam muitos animais para caçar no sertão, só de vez em quando conseguiam apanhar um porco selvagem; muito provavelmente Herckmann deveria está se referindo a espécie que é popularmente conhecida como Queixada ou talvez o caititu que também habita a caatinga.

Os Tarairiús caçavam e se alimentavam de cobras e lagartos. Uma das serpentes das quais eles se alimentavam era chamada por eles de Manuah, e que hoje nós conhecemos pelo nome de Jiboia. Barleus descreve assim essa serpente:

Não tem os tapuias, repugnância de comer cobras, isto é, as que chama Manuah. Elas têm na cauda uma ponta, que cravam com grande força no corpo do homem ou da fera que encontram, e, enroscando-se na árvore mais próxima, pois tem quatro côvados de comprimento, sugam-lhes com a vida todo o sangue. (Barleus, 2016, p.292).

No que se refere a frutas silvestres, uma das principais frutas colhidas por eles no sertão era o umbu, e no final do ano iam ao litoral colher cajus. O mel de abelha também era outro alimento básico dos Tarairiús, ele costumava ser misturado ao pó moído dos ossos de seus mortos para beber. Eles também fabricavam uma bebida à base do mel de abelha que costumava ter uma coloração branca semelhante ao leite.

Os Tarairiús assavam as carnes consumidas. E como não possuíam panelas nem vasilhas de cerâmica, (Já que nenhum cronista relata esta prática entre os Tarairiús; e como eram comum a povos indígenas nômades, eles dificilmente iriam produzir cerâmica, já que panelas e potes de argila eram incômodos para serem transportados por um povo que estava em constante movimento.) Eles cavavam um buraco na terra, e no fundo do buraco colocavam folhas grandes de árvore, sobre

estas folhas eles colocavam a carne que seria assada e colocavam mais folhas sobre a carne e cobriam estas folhas de terra, e em cima da terra, faziam uma grande fogueira, que não paravam de alimentar até que a carne ficasse assada. Outras tribos indígenas também assavam a carne desta forma.

A agricultura dos Tarairiús comparada com outros povos indígenas, era pouco desenvolvida, eles sobreviviam basicamente da caça, pesca e coleta de frutos. Nieuhof conta em seus relatos que o único produto que eles plantavam era a mandioca. Era a partir da mandioca que eles denominavam Attouh (Atug) que eles fabricavam suas farinhas e pães.

3.1.6 Armas

Os cronistas afirmam em seus relatos que os tarairiús eram temidos por todos os demais indígenas. Eles são descritos como tendo um semblante ameaçador e um olhar feroz.

Os tarairiús preferiam fazer por astúcia aquilo que não conseguiam fazer pela força e preferiam enganar o inimigo a experimentá-lo em guerra aberta. Pedro Carrilho de Andrade irá descrever os tarairiús da seguinte forma:

[...] Por que toda a sua natural inclinação é matar, guerrear e fazer sangue. Costumados e exercitados nas mortes das caças, feras e aves de que se sustentam. E entre eles, não tem nome nem fama aquele que não faz morte em gente humana. (Andrade, 1912, p.139)

Barleus relata que para os Tarairiús nada era vergonhoso ou feio para aquele que deleitava a vista com os males dos adversários. Aos amigos eles acolhiam com alegria e depois com choro. Mas se topassem com um inimigo simplesmente matavam-no.

Os Tarairiús possuíam basicamente três tipos de armas: Um propulsor de flechas, os tacapes e machados de pedra.

Os propulsores de flechas, eram fabricados a partir de madeiras leves, ao qual os Tarairiús abriam um rego no meio para que aí se colocasse uma flecha, e com isso eles lançavam suas flechas sem utilizar o arco. Este costume é relatado por diversos cronistas, entre eles Brandão:

Por que a sua flecha é seu verdadeiro arado e enxada, a qual também não usam juntamente com o arco, como faz o demais gentio; porque com ela tomada sobre a mão, com a encaixarem em uns canudos, que no dedo trazem, fazem tiros tão certos e com tanta força que causa espanto, de modo que quase nunca se lhes vai a caça, a que lançam a flecha por esta via. E eu vi os dias passados a um destes fazer um tiro sem arco, que além de dar no alvo a que atirara, passou por uma grossa porta de parte a parte. (Brandão, 2010, p.321)

Os Tarairiús eram uma das poucas tribos indígenas brasileiras que não utilizavam o arco e flecha. Ao invés disso utilizavam propulsores de flecha, estes propulsores são bem representados na pintura de Albert Eckhout *Dança dos Tapuias*, onde se vê os Tarairiús segurando seus propulsores de flechas. Na pintura, as flechas são representadas num tamanho desproporcional, onde mais parecem ser lanças do flechas, de tão longas que aparentam ser na pintura. Mas esta pintura dá uma boa ideia do que eram estes propulsores; eram pedaços de madeira onde era aberto um sulco no meio para que se colocasse a flecha.

Figura 08: Quadro *Dança dos Tapuias*, de Albert Eckhout (século XVII). Ao observarmos com atenção a tela, podemos ver as principais armas utilizadas pelos Tarairiús.



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/101492>

Outra arma utilizada pelos Tarairiús era o tacape. Os tacapes dos Tarairiús eram confeccionados a partir da madeira da árvore chamada pau-ferro, também conhecido como jucá. Herckmann dirá que esses tacapes também eram feitos de pau-brasil, a questão é que o pau-brasil não era encontrado no sertão, no bioma da

caatinga, onde os Tarairiús viviam, mas apenas no litoral. Mas como os Tarairiús faziam algumas incursões durante o ano ao litoral, é possível que eles coletassem a madeira de pau-brasil no litoral durante estas incursões para fabricarem seus tacapes. Os seus tacapes também podem ser vistos no quadro *Dança dos Tapuias* de Albert Eckhout. Os Tarairiús também portavam pequenos machados de pedra com longos cabos.

3.1.7 Formas de religião

Os cronistas relatam que os feiticeiros e agoureiros (adivinhos) tinham um papel de destaque junto aos Tarairiús. Os seus xamãs eram um misto de sacerdote, profeta e médico. Os cronistas holandeses que escreveram sobre os Tarairiús, os consideravam adoradores do diabo, a quem prestariam culto, os seus xamãs faziam o papel de sacerdotes servindo como intermediários nestes cultos. Herckmann relata o seguinte:

São homens incultos e ignorantes, sem nenhum conhecimento do verdadeiro Deus ou dos seus preceitos; servem, pelo contrário, o diabo ou quaisquer espíritos maus, como tratando com eles temos muitas vezes observado. Para esse fim tem eles os seus feiticeiros, que são tidos em grande consideração. (Herckmann, 1886, p.280)

Os seus xamãs também exerciam o papel de profeta e nada era resolvido sem os seus conselhos, especialmente em tempos de guerra, quando queriam saber se seriam bem-sucedidos na batalha ou não. Eles nunca saíam a batalha sem consultar seus xamãs e feiticeiros. Segundo Herckmann, os Tarairiús sabiam materializar os espíritos em forma de outro índio, os quais apareciam e lhes previam os acontecimentos futuros. Herckmann relata que quando os holandeses foram conquistar a barra do Cunhaú no Rio Grande do Norte auxiliados pelos Tarairiús, vários capitães holandeses viram os Tarairiús que estavam junto com eles materializarem um espírito na forma de um índio, o qual relatou a eles quais seriam os sucessos daquele empreendimento. Segundo os cronistas holandeses, os seus xamãs deixavam-se invadir pelos espíritos malignos e começavam a proferir profecias.

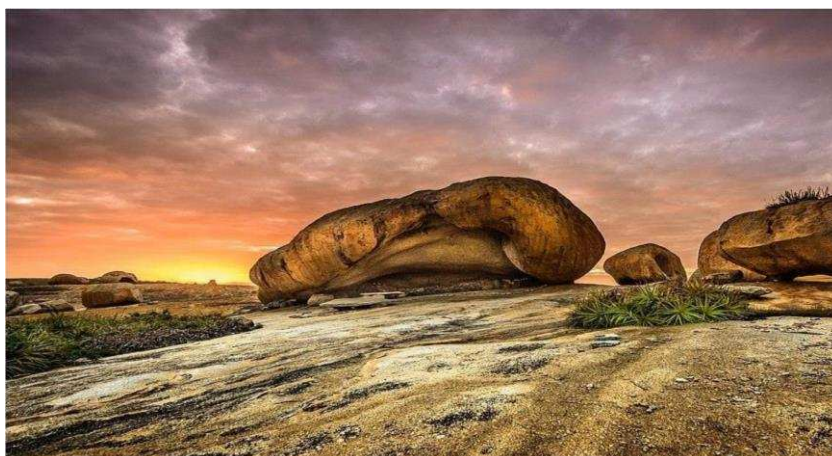
Em algumas ocasiões os demônios viam ao acampamento dos tarairiús; Rolo Baro foi testemunha de um destes acontecimentos, onde relata em sua crônica a vinda ao acampamento Tarairiú de um demônio chamado Houcha, o qual foi interrogado pelos Tarairiús acerca de acontecimentos futuros.

Os xamãs também eram os médicos da tribo, e empregavam como recursos medicinais escarificações cutâneas, provocavam vômitos com a introdução de folhas enroladas na garganta do paciente e defumação com tabaco.

Os Tarairiús identificavam o seu deus, cujo o nome não foi registrado pelos cronistas com a ursa maior, a qual adoravam. Embora esta seja uma constelação do hemisfério Norte, e célebre neste hemisfério por apontar em direção ao norte, assim como o cruzeiro do sul aponta em direção ao sul no nosso hemisfério, ela também pode ser vista no Brasil nas regiões Norte e Nordeste, mas não no Sul e Sudeste. Sempre que os Tarairiús a viam pela manhã se alvoroçavam e lhe diriam cantos e danças.

Tinham uma veneração especial pelo sete-estrela; segundo Marcgraf na época em que os frutos da floresta estavam maduros, os Janduís iam acampar em um local a 45 horas de viagem do rio Açu, aí realizavam cerimônias em honra ao sete-estrela, que eram sempre seguidas de cantos e danças. Também tinham uma adoração pelas grandes rochas, chamadas por eles de Kebrá. Quando encontravam em seu caminho estas rochas, realizavam sacrifícios a elas por acreditarem que era um ser encantado que estava dormindo, e se acordasse e não encontrasse alimentos, poderia caçá-los.

Figura 09: Rochas sagradas, os Tarairiús possuíam uma veneração especial pelas grandes rochas, que consideravam uma espécie de ser místico.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lajedo_de_Pai_Mateus#/media/Ficheiro:Lajedo_de_Pai_Mateus_-_Madrugada.jpg

Barleus conta em sua crônica alguns requêscios da mitologia tarairiú. Um dos seus relatos mais curiosos era uma espécie de queda do homem da mitologia tarairiú, onde o grande culpado não era a serpente, mas a raposa.

Os tarairiús contavam que o deus do norte, que eles relacionavam a ursa maior, teria criado o mundo e os tarairiús; eles viviam então em um paraíso terrestre onde não precisavam fazer esforço para encontrar alimentos. Mas uma raposa suscitou contra eles a ira do deus do norte que os condenou a uma vida de sofrimento. Por isso que sempre que viam a ursa maior eles cantavam e dançavam, para que o seu deus se lembrasse deles e percebesse que a raposa havia mentido.

Eles acreditavam que somente os que morriam de morte natural, e não os mortos por picada de serpente ou mortos por inimigos, iam ao paraíso, onde abundava o peixe e o mel.

3.1.8 A Guerra dos Bárbaros

É difícil precisar o que foi a Guerra dos Bárbaros ou mesmo precisar a sua duração. Entre os anos de 1630 e 1730, ocorreram uma série de conflitos localizados no sertão nordestino, cujo vários deles receberam o nome de Guerra dos Bárbaros. Exatamente em 1630 se dá a invasão holandesa em Pernambuco, alguns conflitos localizados contra os indígenas já se dão nesta época; mas é principalmente a partir de 1654 com expulsão dos holandeses é que eles se intensificam; por que só a partir da expulsão dos holandeses é que se inicia a conquista do sertão. O rei de Portugal a partir de então passa a doar sesmarias² nas terras dos Janduís, estes, então, dão início ao conflito. Os Janduís conseguem expulsar os sesmeiros de suas terras e durante o conflito matam muitos colonos e cabeças de gado. A sua vitória estimulou outros grupos Tarairiús a agir, como os Paiacus, Caratiús, Sucurus, Pegas e Panatis; alguns grupos Cariris como os Icós e Coremas também se juntaram a rebelião, que recebeu a adesão de outros grupos Jês e Tupis especialmente no Ceará.

Tal movimento foi denominado pela historiografia de “Confederação dos Cariris”, quando na verdade poucos grupos cariris participaram do movimento. Muito pelo contrário, os cariris como sempre foram inimigos dos Tarairiús e se aliaram em

² A Sesmaria era uma grande propriedade doada pela coroa portuguesa. Somente pessoas de posses recebiam tais propriedades.

grande parte aos portugueses e lutaram contra os Tarairiús neste levante. Portanto, a confederação dos Cariris, teve origem num levante iniciado por um grupo tarairiú, e foi formada em grande parte por sub-tribos tarairiús, ou seja, o termo correto seria “Confederação dos Tarairiús” e não dos Cariris.

Um dos vários conflitos conhecidos como Guerra dos Bárbaros é a chamada Guerra do Açu (1687- 1720) este período é considerado o de maior conflito entre Tarairiús e portugueses; nesta época foi assinado um tratado de paz entre Tarairiús e portugueses, firmado na Bahia, em 1692, e segundo alguns historiadores, foi o único na América assinado oficialmente entre um rei de um país europeu e um chefe indígena.

A esta altura os Tarairiús já manuseavam armas de fogo e usavam cavalos. Eles haviam adquirido as armas nos saques realizados nas propriedades dos colonos, e através do comércio com Piratas estrangeiros que chegavam às suas terras subindo o rio Açu. Os cavalos também eram roubados dos colonos, os Tarairiús eram retratados nas crônicas da época como hábeis “ladrões de cavalos”.

A Guerra dos Bárbaros chegou a abalar a colonização portuguesa no Nordeste, e só foi vencida em grande parte com a ajuda dos terços dos bandeirantes de São Paulo; estes especialistas em combater índios, foram um dos grandes responsáveis pela extinção dos Tarairiús. Nesta guerra milhares de tarairiús foram degolados, e suas mulheres e crianças foram transformados em escravos. Os que puderam fugiram para o Piauí e Maranhão. Em 1762, os Pegas de Pombal e da Serra de João do Vale, um dos últimos senão o último remanescente tarairiú da Paraíba foram transportados para São José do Mipibu, no Rio Grande do Norte, por ordem do juiz Miguel Pina de Caldeira Castelo Branco.

Havia um certo ódio dos portugueses contra esse povo, tanto por causa dos seus costumes como o endocanibalismo, considerado bárbaro; como também o fato deles terem se aliado aos holandeses durante a invasão do Nordeste; e também os seus sucessivos levantes, fizeram com que os governantes portugueses buscassem exterminá-los, o que acabaram conseguindo. Os Tarairiús que não morreram na Guerra dos Bárbaros, ou fugiram ou acabaram se miscigenando a população do Nordeste.

Segundo Olavo de Medeiros Filho:

A intensa miscigenação sofrida pelos remanescentes étnicos indígenas, terminou por fazê-los perder a própria noção de suas origens. A pobreza, a ignorância, e o atraso social, são companheiros inseparáveis dos descendentes dos antigos donos da terra. (Medeiros Filho, 1999, p.257)

3.2 Principais Diferenças Culturais entre os Tarairiús e os Cariris

A primeira coisa que tem de se ter em mente é que os holandeses praticamente não conheciam os cariris, e poucas vezes os mencionam em suas crônicas. Os holandeses se referiam aos Tarairiús como Tapuias e os Cariris eles chamavam de Cariris mesmo, ou no máximo Tapuias Cariris. Um dos poucos trechos das crônicas holandesas que menciona os cariris, é o seguinte: “Algumas nações de tapuias não usam arco e flecha; limitam-se a atirar seus dardos à mão; os cariris, porém trazem arcos”. (Nieuhof, 1942, p.320)

Este trecho é importante, por que é um dos poucos trechos das crônicas holandesas em que são mencionados os cariris; e também é importante por que aqui claramente Nieuhof faz uma distinção entre cariris e tarairiús. Os tarairiús não utilizavam o arco, enquanto os cariris sim.

Outro trecho que faz referência aos cariris nas crônicas holandesas, é este trecho de Herckmann:

Os tapuias formam um povo que habita no interior para o lado do ocidente sobre os montes e em sua vizinhança, em lugares que são limites os mais afastados das capitâneas, ora ocupada pelos brancos, assim neerlandeses como portugueses. Dividem-se em várias nações. Alguns habitam transversalmente (divers van) a Pernambuco. São cariris, cujo rei se chama Kerioukeiou. Uma outra nação reside um pouco mais longe, é a dos caririswasys, e o seu rei é Karupotó. Há uma terceira nação, cujos índios se chamam carerijouws (Carijós?). Conhecemos particularmente a nação dos tapuias chamados tarairyou; Jandui é o rei de uma parte dela e Caracará da outra. (Herckmann, 1886, p.279)

É importante notar aqui que Herckmann não está usando o termo tapuia da forma que os holandeses usualmente utilizavam para se referir aos Tarairiús, mas sim da forma portuguesa, *tapuia* aqui significa índio do interior; Herckmann chega mesmo a dizer: “Os tapuias formam um povo que habita no interior” “Dividem-se em várias nações”. Ou seja, ele estava aqui falando dos índios do interior, que se dividiam em várias nações e formavam várias tribos: No trecho acima, Herckmann cita três nações indígenas: Os Cariris (Cariris e Caririways), os Fulniôs (Chamados no texto de Carerijouws (Carijós)) e os Tarairiús.

Herckmann cita no texto os Fulniôs de Pernambuco, talvez muito provavelmente por que naquela época o seu território fosse maior do que é hoje e talvez chegasse próximo a Paraíba; hoje os Fulniôs encontram-se reduzidos em Águas Belas, Pernambuco. E os outros dois grupos são os cariris e Tarairiús, duas nações indígenas que ele distingue claramente. Mas também diz que eles, os holandeses, conheciam particularmente os Tarairiús, mas não conheciam bem as demais nações.

Portanto, podemos ver nestes dois trechos, que nas poucas citações dos cronistas aos cariris, eles os distinguem claramente os Tarairiús dos Cariris.

Durante muito tempo se acreditou que os tapuias descritos nos livros holandeses eram os cariris, só que com o passar do tempo começou-se a perceber que a descrição dos costumes daquele povo ali descrito não batia com o dos Cariris. Por exemplo: A maioria das crônicas dizia que os tapuias não possuíam agricultura, só que se sabe que os cariris possuíam uma agricultura desenvolvida, com ritos dedicados a colheita e um tipo de enxada, ou seja, os tapuias descritos nas crônicas holandesas não poderiam ser os Cariris. O mesmo também ocorreu com os quadros de Eckhout, em que ninguém sabia que índios eram aqueles ali representados, ou na maioria das vezes presumiam que se tratassem dos cariris. Borges comenta o seguinte sobre isso:

Eckhout mostra em seu quadro A Dança dos Tapuias, e durante muito tempo ninguém sabia que tapuia era esse. Na realidade é a Dança dos tarairiús. Depois que foi publicado um trabalho de Eckhout, há cerca de 20 anos, foi possível tirar essa dúvida. (Borges, 2000, p.127)

Portanto, durante muito tempo pensou-se que os índios descritos pelos holandeses, tanto em seus quadros, como em seus livros, fossem cariris, só recentemente descobriu-se que eram na verdade os Tarairiús.

Os holandeses não chegaram a conhecer muito bem os Cariris, e as suas crônicas descrevem apenas os costumes dos Tarairiús, e nas poucas citações existentes dos cariris em suas crônicas, eles distinguem claramente os Cariris dos Tarairiús. Também importante destacar que os cariris e os Tarairiús eram inimigos. O cronista Joannes de Laet escreveu o interessante relato a seguir:

Entre os inimigos, contavam quatro tribos: A primeira, chamada em ambas as línguas Jenho, e o seu cacique era Kischonon, situada tão longe que não tinha conhecimento nem relação com povo algum cristão. A segunda tribo, em ambas as línguas Woyana, tinha como cacique Aracapa Assu. Da

terceira, chamada em ambas as línguas Cariri, o cacique era Kemioukoiou; habitava muito distante do arraial e mantinha amizade com os portugueses. A quarta Cariri Assu tinha como cacique Carapotó, também moravam perto daquela região e junto a outra. (Laet, 1925, p.562)

No trecho acima o outro rei dos tarairiús chamado Caracará relata ao capitão polonês, a serviço dos holandeses, Cristóforo Arciszewski que os tarairiús possuíam quatro tribos inimigas. José Elias Borges interpreta esta declaração de Caracará de uma forma interessante. Primeiro ele interpreta a tribo chamada de Jenho, como sendo os Jaicós do Piauí; conforme relatado por Laet, ela ficava tão longe que não tinha conhecimento nem relação com nenhum povo cristão. E as outras três tribos, seriam subgrupos Cariris. Woyana, o nome da segunda tribo, proviria do cariri e significaria “índio tapuia”, Aracapa Assu o nome de seu cacique fazia referência a uma das “capitais” dos Cariris situadas no rio São Francisco. A terceira nação eram os cariris propriamente ditos e a quarta nação eram os Cariris Assu, também cariris, o seu cacique deixou o seu nome para vários grupos cariris de Sergipe, Alagoas e Pernambuco.

Portanto, as últimas três tribos citadas, na verdade são grupos cariris, ou seja, os inimigos dos Tarairiús eram os Jaicós e os Cariris. Como, então, os Tarairiús podem pertencer a nação cariri, como durante tanto tempo se acreditou, se eles eram na verdade inimigos! E isto é algo claro quando se pesquisa a história da Guerra dos Bárbaros, pois se percebe que a maioria dos Caririrs se aliaram aos portugueses contra os Tarairiús.

Os Cariris que possuíam uma agricultura desenvolvida chegaram mesmo a produzir para os portugueses a chamada “farinha de guerra”, que na verdade é a farinha de mandioca, e era chamada assim por diferentes tribos indígenas, por eles sempre a levarem consigo quando iam fazer guerra a outros povos. Os portugueses logo perceberam a utilidade desta farinha para ser utilizada na guerra e em longas viagens, pois levava muito tempo para estragar; e por isto foi muito utilizada na guerra contra os indígenas no sertão, e os cariris produziram esta farinha para os portugueses lutarem contra os Tarairiús.

Portanto, antes de iniciarmos a diferenciação cultural entre Tarairiús e cariris, estes dois pontos são importantes de serem frisados: Os Tapuias descritos pelos holandeses eram os Tarairiús, os holandeses praticamente não conheciam os cariris, e nas poucas vezes que mencionam os cariris em suas crônicas, dá para se notar que

eles os diferenciam bem dos Tarairiús. E o segundo ponto é que cariris e Tarairiús eram inimigos.

Durante muito tempo se pensou que os tapuias descritos pelos holandeses eram na verdade os cariris. Só que com o tempo começou-se a notar que aquela cultura ali descrita era muito diferente da cariri. Thomaz Pompeu Sobrinho parece ter sido o primeiro a notar isto, em 1935, ele conseguiu demonstrar que os tarairiús eram uma nação diferente dos cariris. Mas no seu trabalho publicado na revista do instituto do Ceará no ano anterior chamado Os Tapuias do Nordeste e a Monografia de Elias Herckmann, ele ainda não tinha feito a distinção entre cariris e Tarairiús, e na parte em que Herckmann afirma que os tapuias não possuíam agricultura; ele questiona esta afirmação, já que se sabe através de vários documentos que os cariris possuíam agricultura, e além disso possuíam uma cerâmica desenvolvida; Pompeu Sobrinho afirma inclusive que já se acharam vasos cariris quase do tamanho de um homem, e geralmente só povos agricultores possuem cerâmica. Portanto, o povo descrito por Herckmann em Descrição Geral da Paraíba não eram os Cariris.

Esta divergência cultural presente nos relatos dos cronistas, especialmente os holandeses, que descreveram um povo que não se assemelhava aos cariris, parece ter chamado a atenção de Pompeu Sobrinho; e somando a isto, a sua análise de topônimos do Nordeste, o fez perceber que no sertão, no nome de diversos lugares existia uma língua tapuia desconhecida que não era o cariri; e assim ele fez a descoberta dos Tarairiús como grupo independente.

Estas são as principais diferenças culturais entre cariris e tarairiús:

3.2.1 Antropofagia

Os cariris nunca foram antropófagos, nenhum cronista ou documento da época colonial relata esta prática entre eles. Eles costumavam enterrar os seus mortos à semelhança dos tupis em urnas funerárias chamadas de igaçabas, ou emparedados em grutas. Os tarairiús ao contrário, praticavam o endocanibalismo, ou seja, devoravam apenas os seus próprios parentes. Segundo Herckmann, eles diziam que o finado não podia ser melhor guardado ou enterrado do que em seus corpos. Pedro Carrilho de Andrade relata o seguinte:

São mais ferozes do que as mesmas feras agrestes, que a muitas levam vantagens nas forças, na ligeireza do correr e no uso e costumes. E ainda são mais inúteis e indômitos do que os mesmos brutos irracionais, por que não há animal ou fera que coma outra de sua espécie, como estes alarves, que comem uns aos outros, os parentes aos parentes, pais e mães aos filhos e os filhos aos pais e mães. (Andrade, 1912, p.138)

Quando um tarairiú morria, o seu corpo era lavado pelos demais membros da tribo, e talhado em diversos pedaços e assado no fogo. Quando o rei ou alguém importante da tribo morria, só era comido por suas mulheres e outras pessoas importantes da tribo. Onde tais pessoas morriam era costume deixar um memorial.

Mesmo os ossos eram consumidos, depois de devidamente secos pelo sol; sendo em seguida cremados, pisados e reduzidos a pó, esse pó era então misturado com água ou com mel para beber. O mesmo também acontecia com o cabelo, que depois de ser reduzido a pequenas partículas também era ingerido com água e mel. O luto durava até que o cadáver fosse totalmente devorado, o que geralmente não ocorria em uma única vez.

Figura 10: Múmia de um chefe coroadado. Os cariris costumavam enterrar seus mortos em urnas funerárias à semelhança dos tupis.



Fonte: Obra de Jean-Baptiste Debret, in: Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, 1834.

Pelo que foi apresentado, os cariris possuíam os seus cemitérios, onde os seus mortos eram enterrados em urnas funerárias ou emparedados. Mas no que se refere aos Tarairiús, pelo relato dos cronistas dá pra se entender que os Tarairiús não tinham lugares de sepultamento, por que devoravam totalmente os seus mortos, mesmo os ossos e o cabelo. Só que o arqueólogo Juvandi de Souza Santos em sua tese de doutorado intitulada: *Cariri ev Tarairiú Culturas Tapuias nos Sertões da Paraíba*, realizou escavações em dois sítios arqueológicos em terras habitadas pelos Tarairiús, situadas nos municípios de Cuité e Seridó. E na citada tese ao descrever as escavações em um abrigo rochoso na cidade de Seridó, Santos chegou à conclusão que o local era utilizado nas cerimônias de endocanibalismo dos Tarairiús.

E também chegou a duas outras conclusões interessantes: A primeira que os Tarairiús não realizavam os rituais do endocanibalismo na aldeia, mas em lugares especiais como cavernas, grutas ou afloramentos rochosos, muito provavelmente por que tinham um significado religioso para eles, a exemplo da sua adoração pelas grandes rochas que mencionei no tópico *Formas de Religião*. E a segunda conclusão de Santos é que ao encontrar vários restos de ossos que sofreram cremação, ele chega à conclusão de que talvez os ossos não fossem totalmente reduzidos a pó e consumidos conforme descrevem os cronistas, pois neste sítio foi encontrado restos de ossos de tarairiús submetidos ao ritual do endocanibalismo.

E todas estas conclusões de Santos sobre a escavação desse sítio arqueológico nos leva a especular que os Tarairiús embora não tivessem cemitérios como os cariris, tinham locais especiais onde realizavam os rituais da prática endocanibalista, e que embora praticamente o corpo inteiro fosse consumido no ritual, muitas vezes restavam sobras do ritual endocanibalista, conforme faz crer esses vários fragmentos de ossos que ele encontrou neste sítio. Portanto, embora não tivessem cemitérios como os cariris, eles provavelmente tinham locais especiais onde realizavam a cerimônia antropofágica, e que nestes locais ainda hoje pode-se encontrar pequenos fragmentos dessas cerimônias.

Olavo de Medeiros Filho afirma que além do endocanibalismo eles também praticavam uma antropofagia à semelhança dos tupis, que devoravam os seus inimigos por vingança, segundo Medeiros Filho: “Também era praticada a antropofagia contra os inimigos da tribo, os quais eram dilacerados por feroz vingança”. (Medeiros Filho, 1999, p. 246).

A maioria dos cronistas afirmam apenas que os tarairiús devoravam os próprios parentes, ou seja, praticavam o endocanibalismo. Mas o cronista, Pierre Moreau tem um relato interessante que talvez confirme a afirmação de Medeiros:

Logo que os tapuias souberam do fundo da mata em que habitavam, que os portugueses conflagravam o país, cerca de quinhentos dos mais determinados, comandados pelo alemão Jacó Rabbi, que lhes servia de capitão, dirigiram-se rapidamente para Cunhaú, uma boa aldeia da capitania do Rio Grande, encontraram num domingo de manhã os habitantes reunidos para ouvir a missa, massacraram-nos todos, em número de sessenta a oitenta pessoas, comeram seus cadáveres e pilharam as casas das vizinhanças. (1979, p.43)

Jacob Rabbi foi o embaixador dos holandeses junto aos Tarairiús anterior a Roulox Baro. Depois que Maurício de Nassau deixou o Brasil em 1644, os holandeses passaram a cobrar dívidas atrasadas dos senhores de engenho e a aumentar os impostos, Nassau foi justamente demitido por que não concordava com essas medidas. Então iniciou-se a chamada Insurreição Pernambucana, em 1645, um movimento luso-brasileiro que buscava expulsar os holandeses do Brasil, o que acabou ocorrendo em 1654. E esse texto de Moreau descreve justamente este período, logo que os Tarairiús souberam que os portugueses se revoltavam, eles atacaram a aldeia de Cunhaú, no que ficou conhecido como o massacre de Cunhaú. O mais interessante neste relato, é que Moreau afirma que os Tarairiús comeram os cadáveres dos luso-brasileiros mortos, ou seja, esta não era uma prática endocanibalista, mas uma espécie de antropofagia parecida com a dos tupis, que devoravam seus inimigos por vingança.

Portanto, é provável que além do endocanibalismo, os Tarairiús também praticassem a antropofagia contra os inimigos da tribo. E esta é uma grande distinção entre Cariris e Tarairiús; os Tarairiús praticavam a antropofagia, enquanto os Cariris não.

3.2.2 Agricultura, Cerâmica e Tecelagem

Os Cariris tinham uma agricultura desenvolvida. Segundo Borges (1993) os cariris plantavam milho, feijão, abóboras e tinham um tipo de enxada. Os Tarairiús possuíam uma agricultura pouco desenvolvida, pois a sua principal atividade era a

caça. Brandão, Herckmann e Carrilho de Andrade afirmam que eles nem sequer praticavam a agricultura. Já Johan Nieuhof dizia que eles plantavam um único produto: A mandioca. Baro que em sua viagem ao acampamento dos Tarairius visitou seus roçados afirma que eles plantavam milho, e fumo. Já Marcgraf relata que eles plantavam milho, vários legumes e abóboras em forma de bilha. Barleus por outro lado não menciona quais produtos eles cultivavam, mas afirma que eles possuíam uma cerimônia para a época da sementeira, o que dá a entender que eles também possuíam agricultura.

A grande questão é: Qual dos cronistas se aproxima da verdade? Muito provavelmente os Tarairiús possuíam uma agricultura pouco desenvolvida, não como Brandão, Herckmann e Carrilho de Andrade afirmam dizendo que eles não possuíam nenhuma agricultura. Herckmann em Descrição Geral da Capitania da Paraíba afirma o seguinte: “Levam uma vida inteiramente bestial e descuidosa. Não semeiam, não plantam nem se esforçam por fazer alguma provisão de víveres” (Herckmann, 1886, p.286). Esta afirmação muito provavelmente não é verdadeira. Mas muito provavelmente os Tarairius originalmente não possuíam agricultura. Thomaz Pompeu Sobrinho tem uma interessante teoria de que o Nordeste teria sido povoado originalmente pelos Tarairiús e outros grupos jês, os cariris e tupis vieram posteriormente, e estes primeiros grupos não teriam agricultura nem cerâmica, o que acabaram desenvolvendo posteriormente graças ao convívio com outros povos como os Cariris e Tupis.

Provavelmente, originalmente os Tarairiús não possuíam agricultura, mas talvez com o convívio com os cariris, eles tenham desenvolvido uma agricultura rudimentar, que não era tão desenvolvida quanto a cariri. E por isto, muito provavelmente o relato de Roulox Baro seja mais o aproximado da verdade. Primeira por que ele esteve em uma aldeia tarairiú; Herckmann deve ter baseado seus escritos somente em relatos orais, sem nunca pôr os pés em uma aldeia tarairiú. Segundo por que ao visitar as plantações dos Tarairiús, ele menciona o milho e o fumo, que na época em que ele esteve lá ainda não estavam maduros. O fumo ocupava um lugar de destaque nos ritos religiosos tarairiús, então é bastante lógico que eles o cultivassem. Mas Nieuhof também tinha uma certa razão ao dizer que plantavam apenas a mandioca, tubérculo com o qual eles fabricavam sua farinha e pães. Eles também deviam cultivar a mandioca, já que mesmo Baro, não afirmando que eles

cultivam mandioca, diz que ao chegar no acampamento tarairiú, as mulheres saíram ao campo para apanhar mandiocas para lhe fazer farinha. Muito provavelmente, a agricultura tarairiú foi melhor descrita por Roulox Baro que esteve em uma aldeia tarairiú, eles deviam cultivar milho e fumo conforme afirmou, mais a mandioca, o único produto cultivado por eles, segundo Nieuhof, o que também dá-se a entender pelo relato de Baro de sua chegada a aldeia tarairiú, quando as mulheres foram arrancar mandioca para lhe fazer farinha. Então os produtos cultivados pelos tarairiús seriam mais ou menos esses: Milho, mandioca e fumo, talvez cultivassem mais algum produto, mas é difícil precisar. Porém, mesmo assim era uma agricultura pouco desenvolvida, inferior à dos cariris e tupis; a agricultura para eles para eles servia mais como um complemento para a caça. Curiosamente, Herckmann afirma que eles não possuíam agricultura, mas relata que seus idosos de 150, 160 e até 200 anos eram carregados em redes. Mas como os Tarairiús poderiam possuir redes, sem o algodão que deveria ser plantado? Mas não só isto, Borges e Pompeu Sobrinho tentam aproximar os Tarairiús dos jês, e nos dias de hoje boa parte dos pesquisadores filiam os Tarairiús aos jês; mas os jês não fabricavam redes, mas somente cobriam o chão com ramos de árvores, os Tarairiús inclusive dormiam sobre o chão sem nenhuma cobertura, conforme a descrição de Pedro Carrilho de Andrade que reproduzi na secção chamada de Nomadismo. Portanto, ou este relato de Herckmann sobre as redes é tão falso quanto os idosos Tarairiús de 200 anos, ou eles plantavam algodão à semelhança dos tupis que confeccionavam redes, mas plantavam algodão.

Mas o mais provável é que este relato de Herckmann sobre a presença da rede entre os Tarairiús não seja totalmente exato. Primeiro, embora não seja um consenso entre os estudiosos o mais provável é que os Tarairiús pertenciam ao grupo macro-jê. Ao comparar o idioma tarairiú com os do grupo macro-jê, Borges notou uma semelhança entre os idiomas, além da semelhança linguística há também semelhanças culturais; os cortes circulares no alto da cabeça em forma de coroa que os Tarairiús costumavam usar e a sua corrida de toras, em que o povo sempre se dividia entre duas metades como é comum entre os jês, estes costumes são semelhantes aos timbiras contemporâneos

(Kanela e Krahô), que pertencem ao grupo macro-jê. E mesmo a sua prática de dormir no chão, sem usar rede, outro costume dos jês. Ou seja, se os Tarairiús eram jês, era costume entre as tribos desse grupo, não utilizar redes. Segundo, ainda

sobre o seu costume de dormir sobre o chão, conforme descrito por Pedro Carrilho de Andrade. Se de fato eles dormiam sem nenhuma cobertura nem por baixo nem por cima, por que então teriam redes, já que não a utilizavam para dormir; logo se vê que o relato de Herckmann não parece ser totalmente preciso. Terceiro, para terem redes além de terem de cultivar algodão, o que dificilmente ocorreria já que eles possuíam uma agricultura pouco desenvolvida, eles teriam de ter tecelagem, algo que só povos mais sedentários como os cariris possuíam. Portanto, dificilmente este relato de Herckmann é totalmente preciso.

Conforme afirmei os Tarairiús, não deveriam a princípio ter agricultura nem cerâmica, com o convívio com outros povos desenvolveram uma agricultura rudimentar, mas provavelmente nunca desenvolveram a arte da cerâmica. Pois não há nenhum registro dos cronistas que relatem esta prática entre eles, e também a arte da cerâmica era incompatível com a vida nômade que levavam, já que os recipientes eram incômodos para o transporte. Juvandi de Souza Santos ao comentar suas escavações arqueológicas no sítio de Cuité, em seu trabalho diz ter encontrado fragmentos de cerâmica tarairiú neste sítio arqueológico, só que ele mesmo admite que o material estava em péssimo estado de conservação e muitos fragmentos encontrados estavam fora de contexto devido tanto a enxurradas que atingiram o local, como pelo fato do local está próximo de uma antiga residência e do terreno ter sido usado para plantações e criação de gado; o sítio estava contaminado e cheio de resíduos de atividades recentes e cheio de louça, metal e vidro. Portanto, a cerâmica encontrada ali pode não ser tarairiú, mas foram encontrados vários objetos de pedra lascada e polida que obviamente não foram confeccionados pelos moradores locais, mas pelos índios. No outro sítio escavado por Santos ele não encontrou fragmentos de cerâmica. Portanto, somente uma escavação feita num sítio contaminado com muitos materiais como vidros, louças e metais que obviamente não foram confeccionados pelos Tarairiús, afirma que os Tarairiús possuíam cerâmica, e portanto, não é uma evidência conclusiva. Thomaz Pompeu Sobrinho afirma em *Os Tapuias do Nordeste* e a *Monografia de Elias Herckmann*, que foram encontrados nas terras dos Janduís, vasos de pedra polida (diorito). Talvez mesmo só futuras escavações arqueológicas porão fim a essa dúvida, se Tarairiús possuíam cerâmica ou não. Já que as escavações de Santos, não são o suficiente, já que só em um dos

sítios ele encontrou fragmentos de cerâmica, e este sítio estava muito contaminado com atividade recente.

Os cariris por outro lado possuíam todas estas atividades, possuíam uma agricultura desenvolvida, e tinham uma cerâmica de rara beleza, cujo alguns vasos chegariam quase ao tamanho de um homem; e também possuíam tecelagem. Os cariris emigraram da Amazônia ocidental para o nordeste; e como os índios da Amazônia, eram os de cultura mais avançada do Brasil, por terem sofrido a influência dos povos mais desenvolvidos dos Andes; a agricultura e a cerâmica, foram provavelmente introduzidos no Brasil pelos povos andinos. Os povos da Amazônia sofreram influência direta desses povos; a cerâmica mais antiga do Brasil foi descoberta no estado do Pará.

Também neste estado, na ilha do Marajó, se desenvolveu um povo que produziu a mais sofisticada cerâmica indígena do Brasil, que pertence a chamada cultura marajoara. Os cariris por serem originários da Amazônia, possuíam uma cultura mais desenvolvida do que as tribos vizinhas, á exemplo dos tarairiús. Os cariris possuíam a agricultura, a Cerâmica e os tecidos dos índios da Amazônia.

Figura 11: Urnas funerárias da cultura marajoara. A Cerâmica indígena mais sofisticada já feita no Brasil, era produzida pelos povos da ilha do Marajó, no Pará.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_marajoara

3.2.3 Arco e flecha

Como foi descrito na secção sobre as armas dos tarairiús, eles não utilizavam o arco, mas utilizavam propulsores de flechas. Os Cariris também utilizavam tais propulsores, aos quais chamavam *bybytè*. Mas além destes propulsores, os cariris também utilizavam o arco e flecha, o que fica bem claro com o seguinte trecho de Nieuhof, já apresentado anteriormente: “Algumas nações de tapuias não usam arco e flecha; limitam-se a atirar seus dardos com a mão; os Cariris, porém trazem arcos”. E como os cariris utilizavam arco e flecha, eles não costumavam usar tacapes como os Tarairiús.

3.2.4 Habitações

Os Tarairiús conforme descrito na secção Nomadismo, não construía casas no máximo erguiam ramadas como proteção contra o sol e a chuva. Os Cariris, conforme o testemunho dos padres Vicêncio Mamiami e Martin de Nantes que missionaram durante muitos anos os índios Cariris, estes índios possuíam casas de madeira e barro, cobertas de palha. Muito provavelmente estas casas deviam ser parecidas com as casas de taipa ainda existentes em algumas regiões do Sertão. Portanto, os Tarairiús não construía habitações, enquanto os cariris possuíam habitações que eram até um pouco sofisticadas para os padrões indígenas, já que a maioria dos indígenas utilizavam apenas madeira e palha em suas construções.

3.2.5 Linguagem

No que se refere a língua, as línguas cariris e tarairiú eram completamente diferentes. Há diversos escritos da época colonial que preservaram o idioma cariri, entre eles: *Relação de uma missão no rio São Francisco* do padre Martin de Nantes, publicado em 1706; *Catecismo Índico da Língua Kariris* do padre Bernardo de Nantes, publicado em 1709; *Catecismo Kiriri e Arte de Grammatica da Língua Brasília da Nação Kiriri*, do padre Luís Vicêncio Mamiami, ambos publicados respectivamente em 1698 e 1699.

Mas já quanto aos Tarairiús nenhum livro foi publicado sobre o seu idioma, que em grande parte é desconhecido, até mesmo de seus descendentes, os Sucurus de Ararobá. Somente restaram os topônimos registrados nos livros das sesmarias e também algumas poucas palavras registradas pelos cronistas em seus livros a exemplo de:

- Carfa: Nome tarairiú para piranha. Peixe, que segundo Herckmann, os Tarairiús eram muito molestados quando atravessavam os rios. O rio Piranhas no sertão paraibano, recebeu esse nome por no passado ser completamente infestado por esses peixes;
- Corpamba: Palavra tarairiú para a árvore cujo as raízes se preparavam um alucinógeno;
- Corraveara: Era uma espécie de árvore que os tarairiús utilizavam em suas corridas de toras. Acredita-se que se trata da carnaúba.
- Manuah: Nome tarairiú para a jibóia;
- Oiugi: Em tarairiú, era a cobra cascavel;
- Uva: Era o nome da bebida que os tarairiús fabricavam apartir da mistura de frutas (abacaxi) e mel;
- Attouh: Palavra tarairiú para a mandioca;

Nos anos 30, o etnólogo alemão Kurt Nimuendaju coletou um pequeno vocabulário junto aos sucurus de Pesqueira, que foi mais tarde ampliado por Geraldo Lapenda, e só apartir da formação desse vocabulário é que se pôde notar que os sucurus não eram descendentes dos cariris, mas eram um povo aparte. Os sucurus de hoje falam português, e conhecem apenas poucas palavras de seu antigo idioma, mas este vocabulário embora pequeno, se diferencia grandemente do cariri. Também na década de 30 Thomaz Pompeu Sobrinho ao estudar a toponímia da região Nordeste, assim como os relatos dos cronistas e a documentação da época colonial, percebeu que os tarairiús constituíam uma tribo á parte dos cariris, à qual estes vocabulários constituíam mais uma prova. José Elias Borges comparou os dois idiomas, demonstrando como são diferentes, a tabela abaixo elaborada por Borges, demonstra isso:

Tabela 01: Comparação linguística entre diferentes povos.

Português	Tarairiú	Dialetos Jês	Cariri
Água	kaité	nko	dzu
Cabeça	kreká	krã	tçamu
Cabelo	unj	sun	Düerá
Casa	sekri	ikré	ami uni
Comer	kringó	khrem	inhurae
Dormir	Gon-yá	nogon	isu
Filho	ako	ikra	müsã
Fogo	kiró,kia	korru,kuwi	tidzi
Mão	koreke	bkhra	naembi do
Mulher	krippó	mprom, piko	benhé
Nariz	sikrin	khra nto	bü
Olho	aço	mpak	
Orelha	bandulak	par	
Pé	poiá		

Fonte: Borges, 1993.

Como se pode notar os dois idiomas são bastante distintos, e o Tarairiu se diferencia bastante do cariri. Mas por outro lado nesta tabela, Borges demonstra algumas similaridades entre o Tarairiú e os dialetos jês, onde se percebe uma maior semelhança entre o Tarairiú e os dialetos jês, do que entre o Cariri e o Tarairiú. Se de fato, os Tarairiús fossem mais um grupo cariri, e o Tarairiú fosse apenas um dialeto cariri, os dois não seriam tão diferentes assim. Portanto, essas poucas palavras tarairiús demonstram que os cariris e os Tarairiús eram povos diferentes, e também são mais um argumento que filia os Tarairius aos jês, da qual diversos aspectos culturais seus também são outra forte prova. Mas isto não é algo totalmente aceito por todos os especialistas, e que ainda sofre alguma discussão.

Os Cariris também são outro povo, da qual não se sabe ao certo a qual dos troncos linguísticos (Tupi-guarani, Jê, Aruaque e Karib) pertence, pois existe povos cujas línguas não se encaixam nestes quatro troncos linguísticos, são os chamados povos de língua isolada. Desde o fim do século XIX, se discute se os cariris seriam

jês ou se seriam um povo de língua isolada, pelo menos desde de 1986, tem se aceitado os cariris como pertencentes ao grupo dos jês, mas ainda há discussão se pertencem mesmo ao grupo linguístico jê ou se são um povo de língua isolada.

Os Tarairiús habitaram a Paraíba desde de tempos remotos, segundo Thomaz Pompeu Sobrinho, os ancestrais dos Tarairiús teriam chegado ao Nordeste há sete mil anos. A sua cultura mais rudimentar do que as demais tribos indígenas, e aspectos únicos como o endocanibalismo apontam para uma cultura mais antiga, uma das primeiras a povoar o Nordeste. Os Cariris chegaram depois, segundo a sua própria mitologia, eles teriam vindo de um grande lago, que os estudiosos acreditam ser o lago Maracaibo na Venezuela, e teriam chegado ao Nordeste, segundo Thomaz Pompeu Sobrinho, por volta do ano 500 da era cristã. Cruzaram todo o Brasil e se estabeleceram no rio São Francisco e no litoral, onde por volta do ano 900 da era cristã com a chegada dos tupis foram expulsos para o interior, onde conquistaram terras dos Tarairiús e onde sempre foram seus ferrenhos inimigos. É interessante pensar que os Tarairiús são os habitantes originais da terra, no dizer de Borges: “Os verdadeiros tapuias do Nordeste”, e mesmo assim eles foram completamente esquecidos.

Os Cariris e os Tarairiús eram as grandes nações indígenas que dominavam o interior do Nordeste brasileiro antes da chegada dos portugueses. O território dos Tarairiús se estendia da serra da Ibiapaba no Ceará até o rio São Francisco. O território cariri se estendia além do rio São Francisco por Alagoas, Sergipe e Bahia; era na Bahia que se encontravam os principais grupos cariris. Aqui na Paraíba, os cariris encontravam-se no sertão e em partes do cariri e agreste. No Cariri Ocidental eles dividiam espaço com os Tarairiús, na atual cidade de Sumé estavam os Tarairiús com o grupo sucuru, pois o centro de seus domínios era o rio Sucuru que passa na cidade de Sumé. Mas os cariris não estavam muito longe daí. Irineu Joffily em seu livro *Notas sobre a Paraíba de 1892*, afirma que recebeu do vigário da Alagoa do Monteiro o reverendo Costa Ramos uma urna funerária cariri.

A cidade de Monteiro chamou-se Alagoa do Monteiro até 1938, portanto, se refere a atual cidade de Monteiro; e esta urna funerária com certeza devia ser cariri, já que os tarairiús praticavam a antropofagia para com os mortos. Mas como uma urna funerária cariri poderia ser encontrada em território tarairiú? já que a cidade de Monteiro se baseando na observação do mapa de Borges ainda está dentro do

território tarairiú. Muito provavelmente pelo fato do município de Monteiro ser o maior do estado da Paraíba, devia abrigar dentro do seu território populações tanto Cariris quanto Tarairiús.

Além disso o município de Alagoa do Monteiro até os anos cinquenta incluía boa parte do cariri ocidental, incluindo o atual município de Sumé, que se emancipou em 1951; e também os atuais municípios de: Prata, Ouro Velho, São Sebastião do Umbuzeiro, São João do Tigre e Camalaú. Portanto, o município de Monteiro era bem maior que o atual.

As escavações de Santos provam que o mapa da distribuição indígena das tribos na Paraíba está correto, pois ele escavou dois sítios um no Seridó e outro no Curimataú, em áreas que segundo o mapa de Borges estariam povoadas por tarairiús, e lá ele encontrou vestígio tarairiús; também escavou dois sítios na área descrita no mapa como cariri e encontrou vestígios cariris, demonstrando que a distribuição da população indígena pré-colonial na Paraíba se dá exatamente como propõe Borges. Santos realizou uma escavação em São João do Tigre, sendo um dos dois sítios cariris escavados por ele, demonstrando que os cariris estavam presentes no sul do cariri ocidental paraibano, e também demonstrando que o mapa da distribuição indígena de Borges está correto.

Quanto a urna funerária encontrada no final do século XIX em Monteiro, pode ser explicada da seguinte forma: A urna funerária não foi encontrada em território tarairiú, mas cariri. Pois o atual município de Monteiro era habitado tanto por cariris como por tarairiús, e é nesse município que se passa a linha demarcatória feita por Borges para mostrar onde era território tarairiú e onde era território cariri. Borges inclusive fala da cidade de Monteiro tanto quando vai falar sobre as subtribos tarairiús (O município de Monteiro era habitado pelo grupo dos sucurus); como quando vai falar dos grupos cariris, e diz que Monteiro e Teixeira eram habitados pelos grupos cariris dos chocós e paratiós, sem especificar qual dos dois exatamente habitava o município de Monteiro. Portanto, tanto pelo mapa, quanto pela classificação dos indígenas paraibanos presente em seu trabalho *Índios Paraibanos: Classificação Preliminar* ele dá a entender que o município de Monteiro era habitado tanto pelos Tarairiús quanto pelos Cariris. O território cariri ficava no sudeste do atual município de Monteiro.

Ou pode ser que ainda esta urna funerária pode ter sido encontrada nos atuais município de São João do Tigre e Camalaú, que a época fazia parte da Alagoa do

Monteiro e estavam totalmente dentro da zona de domínio cariri. É uma pena que Joffily não tenha dado mais detalhes sobre este achado, sobre onde exatamente foi encontrado e o que foi feito dele.

Portanto, tanto Tarairiús quanto Cariris ocuparam o cariri paraibano no passado. E o cariri paraibano não ganhou esse nome atoa, de fato eles habitavam aqui, só que não estavam sozinhos, os Tarairiús também habitavam junto com eles. A zona de domínio cariri começava a sudeste da atual cidade de Monteiro; com as cidades de São João do Tigre, Camalaú e Congo estando totalmente dentro da zona de domínio cariri.

Todas estas diferenças culturais existentes entre Cariris e Tarairiús expostas nesta secção são uma forte evidência, de que os dois eram povos bastante distintos, e que não podem ser confundidos um com o outro, como a historiografia paraibana fez durante tanto tempo.

3.3 O Apagamento Histórico dos Tarairiús

3.3.1 A Falta de apreço dos portugueses pela Ciência

Muitos autores têm falado da falta de apreço dos portugueses pelas letras e pela ciência em geral. A posição de Portugal como país católico, o fez defender a posição da igreja católica, e ser avesso ao espírito renascentista que estava surgindo na Europa no início da idade Moderna; Portugal ainda se apegava a filosofia Escolástica da Idade Média, resistindo a ideia de Ciência Moderna. A Escolástica, é basicamente uma teologia-filosófica da Idade Média, à qual Portugal ainda se apegava; e tal como no pensamento medieval, na Escolástica o mundo era apenas uma criação de Deus que devia ser apenas admirado e não conhecido e investigado como fazia a ciência moderna. E, portanto, por se apegar a esta tradição, Portugal foi muito avesso ao surgimento da Ciência moderna.

Durante todo o período colonial além talvez das crônicas de viajantes que descreveram a terra, e algumas observações astronômicas realizadas pelos jesuítas, praticamente não existiu investigações científicas sobre a natureza e os povos do Brasil por parte dos portugueses. E também durante os mais de trezentos anos de domínio colonial português, eles não permitiram que cientistas estrangeiros viessem

ao Brasil estudar a natureza brasileira; temendo que ao se divulgar na Europa notícias das maravilhas da nova terra, pudesse-se despertar a cobiça sobre o território por parte de outras nações.

Durante todo o período colonial português, nenhum cientista europeu pode adentrar no Brasil para estudar a natureza brasileira e os seus povos; A então colônia portuguesa vivia isolada do mundo, sob o pacto colonial, sem poder comercializar com outras nações, existindo apenas para satisfazer as ganâncias da metrópole. Cientistas não poderiam visitá-la e ela também não podia ter universidades; mesmo os espanhóis que foram os colonizadores tidos como mais implacáveis e grandes sugadores de recursos de suas colônias, fundaram universidades em suas colônias; a Universidade de San Marcos, em Lima no Peru, foi fundada em 1551, sendo a mais antiga do continente.

Mas no Brasil os portugueses nunca permitiram a construção de uma universidade. Os colonos até chegaram a fazer um pedido à corte, no século XVIII, para se criar uma faculdade de Medicina em Minas Gerais, mas a resposta da corte portuguesa foi: “Agora pedem uma faculdade de Medicina, daqui a pouco vão pedir uma faculdade de Direito e, em seguida vão querer a independência.”

A única exceção a produção científica em terras brasileiras durante o período colonial, foi o domínio holandês (1630-1654). A Holanda era a maior potência econômica do mundo na época em que invadiu o Brasil. E florescia político, econômico e culturalmente. As ciências e as artes encontravam um lugar fértil na Holanda do século XVII, e ao conquistar o Brasil, eles procuraram trazê-las a sua colônia.

Figura 12: Maurício de Nassau



Fonte: <https://laparola.com.br/mauricio-de-nassau>

O governador holandês Maurício de Nassau³ (1604-1679) que governou o Brasil entre 1637 e 1644, ao desembarcar na colônia trouxe consigo uma comitiva de 46 cientistas, além de diversos artistas e intelectuais; é durante o domínio holandês que se dá uma produção científica no Brasil da época colonial. Não imagino como poderia escrever este trabalho se os holandeses nunca tivessem posto os pés no Brasil, por que praticamente tudo o que foi escrito a respeito dos tarairiús, foi escrito por eles. Seria difícil escrever este trabalho apenas com o relato dos cronistas portugueses, pois embora o relato de Pedro Carrilho de Andrade seja interessante, Brandão praticamente não escreveu nada sobre eles, e tem uma única página dedicada aos Tarairiús, a última, em seu livro que possui mais de trezentas.

Depois da expulsão dos holandeses, o Brasil teve de esperar mais 150 anos, até vinda da corte em 1808, para ter seus portos finalmente abertos às nações amigas. A colônia, até então isolada do mundo, passa a fazer parte dos roteiros científicos e a ser escala para os mais diversos artistas europeus, e diversas missões científicas desembarcam aqui. Também pela presença da corte são fundadas diversas faculdades, e a pesquisa científica finalmente se firma no país.

Portanto, no Brasil no período colonial temos as obras produzidas pelos holandeses no século XVII, que seria o único material que os europeus teriam sobre o Brasil por mais de 150 anos até a vinda da corte portuguesa em 1808.

3.4 A Descrição Geral da Capitania da Paraíba de Elias Herckmann

Na Paraíba, também ocorreu o mesmo, temos durante o domínio holandês a obra do governador Elias Herckmann *Descrição Geral da Capitania da Paraíba*, e somente no século XIX, teríamos obras que falem sobre os indígenas paraibanos.

Elias Herckmann, governou a Paraíba de 1636 a 1639; a sua obra *Descrição Geral da Capitania da Paraíba*, data de 1639. A obra de Herckmann é pequena (tem apenas 52 páginas) mas é importantíssima para a História, Geografia e também para Antropologia paraibana. O livro divide-se em três partes: A primeira parte tem como título o mesmo do livro: *Descrição Geral da Capitania da Paraíba*; é uma descrição

³ Maurício de Nassau era um amante das ciências e das artes. Durante seu governo promoveu a vinda de artistas e cientistas para o Brasil. Estes estudiosos fariam a primeira investigação de natureza científica das terras brasileiras, algo que só voltaria a ocorrer dois séculos mais tarde.

geográfica do litoral paraibano, a única área do estado, na época da invasão holandesa, conhecida e povoada pelos europeus. Nesta parte do livro, Herckmann descreve os rios e serras, e também engenhos e aldeias do litoral paraibano. Nesta parte, também há uma descrição minuciosa da cidade de Frederica ou Frederikstadt (atual João Pessoa), chamada assim em homenagem ao chefe supremo da república holandesa, o stathouder, o príncipe de Orange Frederico Henrique. A segunda parte intitulada de: Da Fertilidade da Capitania da Paraíba, é uma descrição das produções agrícolas da capitania, assim como de seus rebanhos e de suas produções vegetais e animais e a última parte intitulada: Breve Descrição dos Costumes dos Tapuias é uma descrição da cultura tarairiú.

3.4.1 Irineu Joffily

Depois de Herckmann, a Paraíba tal como no resto do Brasil só voltou a ter estudos científicos no século XIX. Os próximos trabalhos sobre os indígenas paraibanos seriam publicados por dois historiadores, que reservaram alguns capítulos de seus livros aos povos indígenas paraibanos, foram Irineu Joffily (1843-1902) e Maximiano Machado (1821-1895).

Figura 13: Irineu Joffily (1843-1902).
O Pai da História da Paraíba.



Fonte: <https://paraibacriativa.com.br/artista/irineu-joffily/>

Maximiano Machado escreveu o livro *História da Província da Paraíba*, que embora tenha sido escrito em 1885, devido a vários fatores e também devido a morte do autor só foi publicado postumamente em 1912. Já Irineu Joffily publicou o seu livro *Notas sobre a Paraíba* em 1892. Há uma certa disputa de qual dos dois seria o pai da História da Paraíba, o livro de Machado foi escrito primeiro, mas só foi publicado em 1912. E por isso geralmente Irineu Joffily é considerado o pai da História da Paraíba. E também foi ele que mais influenciou a forma como os índios paraibanos seriam estudados nas décadas seguintes.

Irineu Ceciliano Pereira Joffily nasceu em 1843, em Pocinhos, então distrito de Campina Grande. Durante sua vida exerceu as profissões de jornalista, redator, advogado, político, geógrafo, historiador, juiz e promotor de justiça.

Além dos estudos históricos, foi extremamente dedicado ao estudo da Geografia. A Paraíba deve seu contorno geográfico atual graças aos seus estudos.

Joffily, era descendente dos Oliveira Lêdo, os grandes desbravadores dos sertões da Paraíba, e inclusive também de Teodósio de Oliveira Lêdo, o fundador de Campina Grande. Nascido na atual cidade de Pocinhos, junto a aldeia cariri dos Bultrins, esta proximidade de uma população indígena parece tê-lo despertado o interesse pelos indígenas paraibanos. Em Campina Grande, Joffily foi o redator-chefe do jornal a Gazeta do Sertão, onde publicava seus artigos sob o pseudônimo de Índio Cariry.

Ao escrever a primeira História da Paraíba, Joffily consultou diversos documentos antigos, inclusive a Descrição Geral da Capitania da Paraíba de Elias Herckmann, este livro conforme foi dito, foi escrito pelo governador holandês Elias Herckmann em 1639. O livro foi escrito originalmente em holandês, e publicado na crônica do Instituto de Utrecht; ele só foi traduzido para o português em 1886, por José Higino Duarte Pereira e publicado na revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco, várias outras edições de Descrição Geral da Capitania da Paraíba foram publicadas, mas este trabalho utilizou-se de sua primeira edição de 1886. Irineu Joffily também leu esta tradução, que também foi uma das fontes para elaboração de suas Notas.

A obra de Joffily, é difícil de enquadrar em uma única área de conhecimento, de fato ela é muito histórica. Mas também repleta de conhecimentos geográficos, já que Joffily se interessa pelos estudos geográficos. Fazendo neste livro uma descrição precisa dos limites paraibanos com os demais estados, assim como de seu relevo e

hidrografia, também há uma descrição precisa de todas as cidades existentes na Paraíba no final do século XIX. A obra também tem grande valor para a Antropologia, já que é a primeira obra moderna que descreve os indígenas paraibanos.

Conforme foi dito Joffily leu a obra de Herckmann depois de traduzida para o português em 1886. No início da terceira parte de Descrição Geral da Capitania da Paraíba, intitulada Breve Descrição dos Costumes dos Tapuias há o seguinte relato, que Joffily ao lê-lo não o interpretou corretamente:

Os tapuias formam um povo que habita no interior, para o lado do ocidente sobre os montes e em sua vizinhança, em lugares que são os limites os mais afastados das capitanias, ora ocupadas pelos brancos, assim neerlandeses como portugueses. Dividem-se em várias nações. Alguns habitam transversalmente (divers van) a Pernambuco, são os cariris, cujo rei se chama Kerioukeiou. Uma outra nação reside um pouco mais longe, é a dos caririwasys, e o seu rei é Karupotó. Há uma terceira nação cujos índios se chamam careryjows (Carijós?). Conhecemos particularmente a nação dos tapuias chamados tarairyou; Janduwý é o rei de uma parte dela, e caracará da outra. (Herckmann, 1886, p.279).

Já reproduzi este trecho de Herckmann, na parte anterior, onde falei que este é um dos poucos trechos das crônicas holandesas em que são mencionados os cariris.

O trecho acima como se pode notar é de difícil interpretação. Para interpretar este texto precisa-se primeiro ter em mente, o significado do termo tapuia utilizado nele. Nas crônicas holandesas, quando se fala em tapuia geralmente está se falando dos tarairiús, mas Herckmann está referindo aos tapuias aqui da forma genérica que os portugueses se utilizavam para se referir a todo povo indígena do interior, e aqui segundo a interpretação que Borges faz, temos três nações: Os Cariris (Os Caririways seria apenas uma subtribo Cariri); os Careryjows, que Borges interpreta como sendo os Fulniôs de Pernambuco, que não são nem cariris nem Tarairiús; Borges acredita que o seu território àquela altura foi maior e talvez chegasse próximo a Paraíba(Eles se encontram atualmente em Águas Belas, Pernambuco) e conforme Herckmann mesmo descreve, alguns povos descritos ali “Habitam transversalmente a Pernambuco”. E é claro, a quarta nação era os Tarairiús.

E aqui foi que ocorreu o grande erro de Joffily ao interpretar o que era tapuia, ele não entendeu que Herckmann se referia aos índios do interior de forma genérica, mas acreditou que por ele se referir aos cariris mais de uma vez, Herckmann estava

se referindo apenas aos Cariris. Talvez tenha acreditado que os Careryjows (Carijós, Fulniôs) também fossem Cariris pelo nome se assemelhar com Cariri, e os Tarairiús assim como os fulniôs foram tidos como mais um grupo cariri. Joffily acreditou que Herckmann estava dizendo aqui que a Paraíba era habitada no interior apenas pelos cariris, e que o povo chamado de Tapuias nas crônicas holandesas também eram os Cariris.

Se ele tivesse se atentado ao trecho: "Dividem-se em várias nações" ele teria entendido que Herckmann não estava se referindo a um só povo, mas há três: Cariris, tarairiús e fulniôs. E a partir de Herckmann, Joffily chegou a conclusão que a Paraíba era habitada no interior apenas pelos cariris. Ele então no seu livro propõe que a Paraíba era habitada por três tribos: Os potiguaras e tabajaras no litoral e os cariris no interior. O seguinte trecho de Notas sobre a Paraíba demonstra o erro que ele cometeu:

O hollandez E. Herckman em sua interessante monografia sobre a Parahyba fala dos carirys, como de uma raça numerosa, dividida nas seguintes nações: Carirys, cujo rei se chamava Kerioukeiou; cariryvasys, tendo como rei karú-potó; cariryjous, era a terceira nação; os tarairyus, era á quarta, da qual Janduy era rei de uma parte e Caracará de outra. Habitavão uma região elevada e muito fria. (Joffily, 1892, p. 23)

Neste trecho de Notas sobre a Paraíba dá pra se notar claramente que Joffily acreditava que todos os povos descritos por Herckmann no início da Breve Descrição dos Costumes dos Tapuias eram todos cariris, Joffily diz claramente: "O Hollandez E. Herckman em sua interessante monografia sobre a Paraíba fala dos Carirys, como de uma raça numerosa..." Joffily acreditava que vários os nomes apresentados ali, era por que os cariris eram numerosos, e todos os nomes, eram nomes de subtribos cariris.

Os dois primeiros povos citados por Herckmann são inegavelmente cariris, mas o terceiro eram uma tribo completamente diferente, os carijs, os atuais Fulniôs. Herckmann grafa o nome desta tribo como careryjouws, mas Joffily substitui o e pelo i e grafa cariryjous; uma tentativa forçada de fazer o nome se assemelhar a Cariri ou Cariry, como era escrito no final do século XIX. Ou seja, isto demonstra que Joffily considerou todos estes povos descritos por Herckmann como cariris, e o quarto povo, os Tarairiús, ele também incluiu como sendo uma subtribo dos cariris.

Notas sobre a Paraíba foi prefaciada por Capistrano de Abreu, uma das maiores autoridades em História do Brasil, o que acabou dando ainda mais

legitimidade ao seu livro. Apartir daí todos os que foram estudar sobre os índios do Nordeste, consultaram a obra de Joffily e cometeram o mesmo erro que ele também. E assim essa informação de que o interior era habitado apenas pelos cariris foi divulgada a nível nacional, a exemplo do Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil que foi criado por ocasião das comemorações do centenário da independência em 1922. Neste Dicionário há um capítulo sobre as tribos indígenas brasileiras escrito por Rodrigo Garcia, que mais tarde seria diretor da Biblioteca Nacional, Garcia baseou-se em Notas sobre a Paraíba para escrever sobre os índios do Nordeste, e também colocou os cariris como sendo os únicos habitantes do interior. E assim essa ideia dos cariris como únicos habitantes do interior da Paraíba foi divulgada em todo país.

Mas não devemos pensar que Joffily é o grande vilão da História, o que acontecia era que ele possuía poucos documentos e fontes, o que acabou tornando os seus erros inevitáveis. Ele inclusive afirma no próprio livro as suas dificuldades com as fontes:

Não nos propomos agitar, quanto mais resolver questões linguísticas, para que não temos competência; o nosso fim é somente escrever uma breve notícia da Paraíba do Norte; informando sobre o seu estado atual e sobre suas origens, terreno este nunca investigado por nenhum escritor e no qual penetramos quase às escuras, apenas alumiado pela vacilante luz, resultante das referências de alguns documentos que temos coligido, e aos quais, ainda assim, só podemos recorrer de memória. (Joffily, 1892, p.24)

Portanto, as fontes de Joffily para escrever sobre a História da Paraíba eram escassas, se mesmo hoje as obras sobre os indígenas paraibanos são raras, imagine no século XIX. Portanto, Joffily não é o vilão que apenas homogeneizou os povos indígenas, ele é ao contrário um herói e um pioneiro, ao tentar escrever uma história da Paraíba, quando ainda não havia nenhuma, como ele próprio disse: “Terreno este nunca investigado por nenhum escritor”. E se ele cometeu este erro ao homogeneizar os povos do interior, foi pelas escassas fontes que tinha em mãos.

Ele próprio se sentiu inseguro em Notas sobre a Paraíba, ao falar das tribos indígenas paraibanas, pois ele sabia que sua classificação dos indígenas apresentava falhas: Esta nomenclatura não tem bases muito seguras, por que as provas, em que apoiamos a existência de duas ou três dessas tribos, não são robustas. (Joffily, 1892, p.27)

Borges inclusive comenta o seguinte sobre Joffily:

Mas Joffily foi inegavelmente, um pioneiro. Primeiro, por tratar do problema de maneira bastante objetiva, consultando a documentação dos arquivos, as Datas de Sesmarias, o livrinho importantíssimo do padre Martin de Nantes, a Gramática cariri de Mamiami, reeditada em 1877 e uma infinidade de outras referências. Foi ele que descobriu o manuscrito-carta da fundação de Campina Grande e um sem número de outros documentos, em geral, bem interpretados. Foi também o primeiro a analisar os topônimos estranhos ao tupi, procurando demarcar a linha divisória entre esses índios e os tapuias na Paraíba[...] (Borges, 1993, p.26)

Joffily foi inegavelmente um pioneiro, e por ter escassas fontes para escrever seu trabalho, seus erros foram inevitáveis. Mas ele parecia prever que o seu trabalho apresentaria falhas e que essas falhas só poderiam ser corrigidas no futuro, e comenta o seguinte:

Deixamos agora este terreno ainda não bem esclarecido das- origens paraibanas- passando para outro onde a observação faz afastar qualquer conjectura ou hipótese. Mas é tão interessante esse período de formação da sociedade paraibana, que não podemos deixar de consignar aqui um pedido ao futuro historiador- de investiga-ló com todo critério e força de vontade. (Joffily, 1892, p.41)

Aqui Joffily faz um pedido aos futuros pesquisadores: Que investiguem com toda força de vontade as origens paraibanas. E entre elas a questão indígena, pois ele parecia prever que ainda havia muito para ser descoberto.

Portanto, Joffily foi um pioneiro ao escrever a primeira História da Paraíba publicada, e que cometeu o erro de generalizar Cariris e Tarairiús como sendo o mesmo povo. Embora seu erro possa ser compreensível por possuir poucas fontes e documentos ao elaborar seu trabalho, a sua obra deixou um grande rombo na forma como se compreende os indígenas paraibanos e que perdura até os dias de hoje.

3.4.2 Thomaz Pompeu Sobrinho

O erro de Joffily demorou muito tempo para ser notado, e durante muito tempo se acreditou que os cariris fossem os únicos habitantes do interior da Paraíba.

Só a Paraíba e o Rio Grande do Norte possuíam apenas duas tribos indígenas habitando o interior: os cariris e os Tarairiús. Pernambuco, por exemplo, possuía outras tribos como os Fulniôs e Pancararus, o mesmo também ocorre com os demais estados nordestinos. Portanto, esta ideia de que apenas os cariris habitavam o interior

era algo restrito a Paraíba e que também se estendeu ao Rio Grande do Norte, já que este estado também tinha os mesmos povos indígenas que a Paraíba, menos os tabajaras; já que a única tribo tupi habitando o estado era os potiguaras, que dão ao nome gentílico do estado vizinho, quem nasce no Rio Grande do Norte é potiguar. E no interior do estado habitavam Cariris e Tarairiús. Mas de certa forma, os cariris foram colocados como o povo dominante do interior do Nordeste, quando na verdade, eram os tarairiús que ocupavam esse papel.

Nos anos 30, o estudioso cearense Thomaz Pompeu Sobrinho foi o primeiro a notar que existia uma tribo tapuia desconhecida no interior do Nordeste.

Thomaz Pompeu de Souza Brasil Sobrinho (1880-1967), foi um engenheiro, antropólogo, historiador e escritor cearense. Pompeu Sobrinho era sócio efetivo do Instituto do Ceará, e foi seu presidente de 1938 até sua morte em 1967, tornando-se seu presidente perpétuo. Também era membro da Academia Cearense de Letras, e foi fundador e diretor do Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará. Embora não tenha formação em Ciências Sociais ou História, talvez até pela ausência de cursos de Ciências Sociais no Brasil na época em que ele era jovem, já que ele se formou engenheiro pela Escola de Minas de Ouro Preto, em 1903, e o primeiro curso de ciências sociais só surgiu no Brasil 30 anos depois, e embora não tenha se formado em Ciências Sociais ou História, sua grande contribuição foi nessas duas áreas. Também nos anos 30, Kurt Nimuendaju colheu um vocabulário remanescente do antigo tarairiú, junto aos sucurus de Ararobá, em Pesqueira, Pernambuco.

A partir da coleta deste vocabulário, percebeu-se que os sucurus de Ararobá falavam uma língua diferente do cariri. Nesta época, Pompeu Sobrinho, já começava a perceber a presença dos Tarairiús como um povo distinto dos cariris. Em 1934, em seu trabalho *os tapuias do Nordeste e a Monografia de Elias Herckmann*, Pompeu Sobrinho ainda acreditando que os tapuias descritos por Herckmann fossem os cariris, começa a notar divergências culturais entre o povo descrito por Herckmann e os cariris. Nesta época ele já devia estar fazendo a análise da toponímia da região Nordeste, e no ano seguinte ele chegou à conclusão que os tarairiús eram um povo distinto dos cariris; conforme ele próprio relata em *Línguas Tapuias Desconhecidas do Nordeste*:

Os índios mais numerosos que viviam no Nordeste do Brasil eram seguramente os da família Tarairiú, relacionada com as do grupo Láguido. Em 1935, depois de exaustivas comparações de acordo com o critério usual na discriminação desta matéria, chegamos à conclusão de que os tarairiús falavam uma língua independente ou isolada. (Pompeu Sobrinho, 1958, p.5)

Figura 14: Thomaz Pompeu Sobrinho



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomaz_Pompeu_Sobrinho

Mas a ideia dos tarairiús como grupo independente parece ter encontrado eco primeiro no exterior do que dentro do próprio Brasil. Há um livro publicado pelo *Smithsonian Institution* chamado *Handbook of South American Indians*, ou *Guia dos Índios sul-americanos* em tradução livre. O *Handbook* é uma série de livros publicados em sete volumes, entre 1940 e 1947 e que buscava documentar aspectos culturais de todos os povos indígenas da América do Sul. Em 1946, o norte-americano Robert Lowie escreveu um capítulo sobre os Tarairiús para um dos volumes do livro, em que situava os Tarairiús como um povo independente dos Cariris. Lowie leu algumas obras de Thomaz Pompeu Sobrinho e parece ter se inspirado nele para propor os tarairiús como grupo independente. Outro norte-americano William Hohenthal fez um estudo dos sucurus de Pesqueira em 1950, também distinguindo Cariris de Tarairiús. Também o antropólogo e linguista tcheco Cestimir Loukotka (1895-1966) que escreveu diversos trabalhos sobre as línguas indígenas americanas, também classificou o cariri e o tarairiú, como sendo línguas distintas.

3.4.3 José Elias Borges

Realmente, Thomaz Pompeu Sobrinho foi o primeiro a perceber os Tarairiús como um grupo independente dos cariris, esta sua ideia parece não ter sido assimilada de forma instantânea pelos estudiosos, e na Paraíba esta ideia demorou ainda mais tempo para ser conhecida; de fato, ainda hoje se encontram trabalhos que ainda propagam a ideia de Joffily, de que os cariris eram os únicos habitantes do interior do estado. Foi José Elias Borges que divulgou as ideias de Thomaz Pompeu Sobrinho na Paraíba e foi um continuador de seu trabalho.

José Elias Borges (1932-2010) Nasceu em Triunfo, Pernambuco. Foi sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, presidente da fundação Casa de José Américo e também professor da Universidade Federal da Paraíba.

Em 1948, mudou-se para Campina Grande, onde se deparou com a palavra Bodocongó, que achou estranha por que não parecia ser uma palavra tupi. Ele então decidiu estudar a palavra e também se interessou pela história dos Ariús que foram os responsáveis pela fundação de Campina Grande, e assim se iniciou o seu interesse pelos indígenas paraibanos.

Assim como o seu interesse pela palavra Bodocongó, seus estudos em grande parte se enquadram na área da linguística, ele formou-se Bacharel em letras Anglo-Germânicas pela faculdade católica de Campina Grande e cursou letras, em nível de mestrado, pela Universidade Regional do Nordeste, também de Campina Grande em 1975; e dois anos depois doutorou-se em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Borges falava fluentemente inglês, francês, alemão, holandês e até um pouco de russo; tendo ainda conhecimentos de latim, tupi, cariri e do que sobrou do tarairiú.

Borges passou então a estudar as gramáticas do tupi e do cariri. Em 1977, em sua tese de livre docência sobre o Dzubucuá-cariri (dialeto cariri), Borges defendeu a ideia que Cariris e Tarairiús eram povos distintos, demonstrando que os antigos habitantes de Campina Grande, os Ariús, eram Tarairiús e não cariris. O seu trabalho sobre os indígenas paraibanos só veio a ser publicado em 1984, na qual estava incluído o seu mapa dos indígenas paraibanos. As escavações de Juvandi de Souza Santos em quatro sítios arqueológicos distribuídos pelo estado demonstraram que as localizações das tribos indígenas propostas por Borges neste mapa estavam corretas.

Portanto, é só a partir da publicação do trabalho de Borges em 1984, quase cem anos após a publicação de *Notas sobre a Paraíba*, que finalmente a Paraíba começa a tomar conhecimento da existência dos Tarairiús. Nos dias de hoje, a classificação de Borges é aceita pela maioria dos antropólogos, historiadores e arqueólogos paraibanos.

Figura 15: José Elias Borges e os índios Canela.



Com os índios Canela na Serra de Bodopitá

Fonte: <https://cgretalhos.blogspot.com/2013/01/biografia-jose-elias-borges-barbosa.html>

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de tudo o que foi visto pode-se perceber, como um erro de um historiador paraibano influenciou gerações de historiadores e antropólogos na forma como descreveram as populações indígenas do interior do Nordeste. O erro de Joffily levou muito tempo para ser corrigido, embora percebido ainda nos anos 30, pelo antropólogo cearense Thomaz Pompeu Sobrinho, o grande descobridor dos Tarairiús como um grupo independente; esta ideia só veio a ser divulgada na Paraíba por José Elias Borges quase cem anos depois da publicação de *Notas sobre a Paraíba* de Irineu Joffily.

E embora hoje seja praticamente um consenso no meio intelectual de que Tarairiús e Cariris são tribos distintas, ainda nos dias de hoje vemos alguns trabalhos aqui e ali, e principalmente na Paraíba, que mencionam os cariris como a grande tribo habitante do interior do estado. Mesmo quase cem anos depois de Thomaz Pompeu sobrinho fazer a grande descoberta dos Tarairiús, muitos trabalhos e livros ainda insistem no mesmo erro, erro aliás gravíssimo.

Muitas tribos indígenas foram exterminadas da face deste país desde a chegada de Cabral, os tupinambás foram extintos no século XVII, os caetés ainda no século XVI. Mas acredito que nenhuma delas mesmo sendo extintas, foi questionado se elas um dia realmente existiram, os caetés e tupinambás foram extintos, mas a historiografia propagou a sua existência e as pessoas sabem que eles existiram. Mas já quanto aos Tarairiús, a historiografia foi a responsável pelo seu próprio apagamento da História, e as pessoas em geral, e mesmo aquelas que vivem nas áreas que no passado foram habitadas por eles, nenhuma sabe de sua existência. Eu inclusive irei repetir novamente o que Borges disse em: Índios Paraibanos-Classificação Preliminar: “Quando se fala no nome Tarairiú, muitas pessoas esboçam até um ar de riso, como a duvidarem da existência desses índios”.

Muitas tribos sofreram violência dos colonizadores e foram extintas, mas mesmo ainda hoje são conhecidas. A historiografia paraibana foi a grande responsável pelo apagamento dos Tarairiús, e também deve ser a responsável por voltar a torná-los conhecidos, creio que esta é uma dívida da historiografia paraibana para com eles.

Muitas tribos indígenas foram extintas, mas os Tarairiús foram completamente apagados da História.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, James Emanuel de. **Relação da Viagem ao País dos Tapuias: Uma leitura ANPUH-XXIII Simpósio Nacional de História- Londrina, 2005.**

ANDRADE, Pedro Carrilho – **Memória sobre os índios no Brasil.** In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vol. VII- n°s 1 e 2, 1909, publicado em 1912.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Ações Multifacetadas dos Tarairiú nos sertões das capitanias do Norte entre os séculos XVI e XVIII.** ANPUH- XXV simpósio nacional de História- Fortaleza, 2009.

ARAÚJO, Maxuel Batista de. **O Último dos Tarairiús.** Natal, 2006.

BARBOSA, José Elias Borges. **As Nações indígenas da Paraíba.** In: Anais do ciclo de Debates sobre a Paraíba na participação dos 500 anos do Brasil. João Pessoa: Secretaria de educação e cultura do estado, 2000.

BARBOSA, José Elias Borges. **Índios Paraibanos- Classificação Preliminar.** In: Melo, José Octávio de Arruda; Rodrigues, Gonzaga (orgs.) Paraíba: Conquista, Patrimônio e Povo. Por uma seleção de autores. 2 ed. João Pessoa: Grafset, 1993. PP-21-42.

BARLEUS, Gaspar. **O Brasil holandês sob o conde João Maurício de Nassau.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2016. Tradução e notas de Cláudio Brandão.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. **Diálogos das Grandezas do Brasil.** Brasília; Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

CLÉROT, Léon. **30 anos na Paraíba.** Rio de Janeiro, editora Pongetti, 1969.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões.** Jandira, Ciranda Cultural, 2020.

FERNANDES, Florestan. **Organização social dos Tupinambás.** São Paulo: Difusão europeia do Livro, 1963.

FERNANDES, Florestan. **A Função Social da guerra na sociedade Tupinambá.** Prefácio de Roque de Barros Laraia - 3. Ed.-São Paulo: Globo, 2006.

FREITAS, Gomes de. **Os Primitivos Donos da Terra dos Inhamuns.** In: Revista do Instituto do Ceará, 1970.

FREITAS FILHO, W. F. de, FARIAS JÚNIOR, J.A. de, & QUINTEIRO, M. E. M. (2023) **Cultura indígena jenipapo-kanindé: O caso da Mandioca.** Revista interdisciplinar em educação e territorialidade- RIET, 3 (1), 193- 211.

HERCKMANS, Elias. **Descrição Geral da Capitania da Paraíba**. Recife, Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco. Recife, 1886.

JOFFILY, Irineu. **Notas sobre a Paraíba**. Tipografia do jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1892.

LAET, Joannes de. **História ou Anais dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais desde o seu começo até o fim do ano 1636**. Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 1916. V.1.

LAET, Joannes de. **História ou Anais dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais desde o seu começo até ao fim do ano de 1636**. Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 1925. V.2.

LOWIE, Robert H. **The Indians of Eastern Brazil** in: Handbook of South American Indians. V.1 Washigton, 1946.

MEDEIROS Filho, Olavo de. **Os Tarairiús, extintos tapuias do Nordeste**. In: Almeida, Luiz Sávio de; Galindo, Marcos; Silva, Edson. Índios do Nordeste: Temas e Problemas. Maceió, Edufal, 1999, p. 241-257.

MARCGRAF, George. **História Natural do Brasil**. São Paulo: Imprensa oficial do estado, 1942. Tradução de José Procópio de Magalhães.

MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. **História das últimas lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses e Relação da Viagem ao País dos Tapuias**. São Paulo; Editora Itatiaia, 1979.

MARIOSIA, Duarcides Ferreira. **Hibridismo e Integração nas Obras de Florestan Fernandes Interpretativas do Brasil**. 2003: Dissertação de Mestrado em Sociologia, UNICAMP. Campinas, 2003. Cap II: Florestan Fernandes e os Tupinambá.

MELATTI, Julio Cezar. **A Antropologia no Brasil: Um Roteiro**. Brasília, 1983.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Ocidentalização, Territórios e populações indígenas no sertão da capitania do Rio Grande**. Natal, 2007.

NIEUHOF, Johan. **Memorável Viagem Marítima e terrestre ao Brasil**. Tradução de Moacir N. Vasconcelos e notas de José Honório Rodrigues. São Paulo, Livraria Martins, 1942.

NANTES, Martin de. **Relação de uma missão ao São Francisco (1706)**. Tradução e comentários de Barbosa Lima sobrinho. Coleção Brasileira nº368. São Paulo, INL/MEC/ Companhia Editora Nacional, 1979.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. **Os Tapuias do Nordeste e a monografia de Elias Herckmann**. Revista do Instituto do Ceará, V. 48, 1934, Págs 3-120.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. **As origens dos Índios Cariris**. In: Revista do Instituto do Ceará, Tomo LXIV, 1950.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. **História do Ceará** - Monografia nº3- Pré-História Cearense, Editora do Instituto do Ceará Ltda. Fortaleza, 1955.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. **Línguas tapuias desconhecidas do Nordeste**. In: Boletim de Antropologia da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, dezembro de 1958.

PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros. Povos e colonização do sertão do Nordeste do Brasil, 1650- 1720**. São Paulo. Hucitec/Usp/ Fapesp, 2002.

PINTO, Estevão. **Etnologia Brasileira - Fulniô- Os Últimos Tapuias**. Coleção Brasileira, vol.285, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956.

RODRIGUEZ, Janete Lins. **Atlas Escolar da Paraíba**. João Pessoa: Grafset, 2002.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Karirí como família linguística Macro-jê no Nordeste do Brasil**. Revista Brasileira de Linguística Antropológica. 2019,11(1), págs 47- 52.

SANTOS, Juvandi de Souza. **Cariri e Tarairiú? Culturas Tapuias nos Sertões da Paraíba**. 2009: Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, Elenilda Sinésio Alexandre da. **Retomar nosso chão: Antropologia e História do povo indígena xucuru no sul do Cariri paraibano**. Sumé, 2016.

STUDART FILHO, Carlos. **Aborígenes do Ceará**. Fortaleza, e a Instituto do Ceará

VELLOSO, Beatriz de Souza. **Os tembetás do sítio Justino, Sergipe: Construindo uma análise tecnológica e cultural**. Laranjeiras, 2022.